BRUNO LINS QUINTANILHA

ESPIRITISMO, ESPIRITUALIDADE E VIDA

Uma coletânea de textos

ESPIRITISMO,
ESPIRITUALIDADE E VIDA

BRUNO LINS QUINTANILHA

ESPIRITISMO, ESPIRITUALIDADE E VIDA

Uma coletânea de textos

Copyright © 2025 Bruno Lins Quintanilha

Capa: Larissa Correa de Souza

Diagramação e edição: Bruno Lins Quintanilha

Revisão e copidesque: Renata de Castro Strino

1ª edição – novembro de 2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Quintanilha, Bruno Lins
Espiritismo, espiritualidade e vida [livro eletrônico] : uma coletânea de textos / Bruno Lins Quintanilha. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Ed. do Autor, 2025. -- (Uma coletânea de textos)

ISBN 978-65-01-76733-8

1. Espiritismo 2. Espiritualidade 3. Vida após morte I. Título. II. Série.

25-311812.0 CDD-133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritismo 133.9

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

ISBN (PDF): 978-65-01-76733-8 ISBN (EPUB): 978-65-01-76856-4
ISBN (papel): 978-65-01-76857-1

Gosto de enxergar o Espiritismo como um meio, como uma tentativa localizada histórica e geograficamente de chamar a atenção para fenômenos e processos da natureza que ainda estão marginalizados e incompreendidos perante boa parte da sociedade. Essa relação entre os *mortos* e os *vivos* e suas consequências filosóficas, morais e existenciais têm potencial para provocar significativas mudanças nos campos do conhecimento, na cultura e nas relações sociais, podendo vir a contribuir para uma humanidade mais consciente de si mesma, responsável, justa e generosa.

O autor

*

"Minha preocupação fundamental é construir paz e serenidade sem ser ingênuo, sem se desconectar da realidade, o que soaria até como deboche no tempo que estamos vivendo (...)
Quero manter meus pés no chão, mas o coração das pessoas precisa ser acalentado. Como fazer isso?".

Emicida, em entrevista para o El País de 19 de novembro de 2019

SUMÁRIO

Prefácio.....8

Introdução.....14

I – Em torno do Espiritismo

Mediunidade.....18

Espiritismo é religião? O que é o Espiritismo?.....35

A natureza do Espiritismo e seus rumos.....46

Espiritualismo, Espiritismo e espiritualidade.....51

Natureza, cultura, religião e espiritualidade.....56

II – Possibilidades de caminhos

Humanizando o Espiritismo e as pessoas.....61

A importância da diversidade para o Espiritismo e para a vida.....69

Lentes: reflexões sobre o exercício da empatia e do diálogo.....76

O que é a caridade? Uma proposta de olhar.....81

Humanidade.....90

III – A casa espírita

A casa espírita: relevância, possibilidades e apontamentos.....95

Vínculos, convivência e casas espíritas.....102

IV - Alertas

Espiritismo: opressor ou libertador?.....108

Política, ética e Espiritismo.....122

V - Autocuidado

Vida interior: mente, pensamento e energia.....131

Livros, leituras, hábito.....137

PREFÁCIO

Bruno Lins Quintanilha – esse jovem professor de 36 anos, do Rio de Janeiro-RJ –, eu o conheci durante uma viagem que fiz à sua cidade, em 2024, num almoço do qual também participou outro jovem líder espírita – o Saulo Alves Monteiro –, emergentes pensadores pertencentes a uma nova geração de espíritas que, tendo cursado a Universidade, conseguem estabelecer um diálogo entre a filosofia espírita e o saber acadêmico contemporâneo, impregnando o movimento espírita com um bafejo de humanismo e de racionalidade.

A iniciativa daquele encontro foi minha, um sujeito de 79 anos, espírita militante desde 1963, interessado na descoberta e na articulação de pensadores espíritas progressistas, hoje possibilitadas e facilitadas pela comunicação digital. Foi uma conversa rica e agradabilíssima que, apesar de breve, foi marcada por significativos propósitos que ali assumimos. Costumo dizer que, nesses encontros, "conspiramos" na busca de resgate das propostas transformadoras de Allan Kardec, notadamente em face do conturbado momento político que o Brasil vem atravessando e, também, como outros tantos estudiosos espíritas, tentando compensar o exagerado religiosismo do MEB[1].

Não é inteligente o ataque que costumamos desferir contra os que pensam diferente de nós. O exclusivismo – atitude de quem julga que somente na sua

[1] Movimento espírita brasileiro.

“bolha” ideológica está a verdade – é corrosivo das relações fraternais intrínsecas na proposta espírita. Kardec propunha no lema da Doutrina Espírita “Trabalho, solidariedade, tolerância” e recomendava que os espíritas não se anatematizassem, visto que o espiritismo não teria a mesma conformação em todos os lugares.

Por alguma razão, a comunidade espírita brasileira, nos albores do nosso movimento, optou por identificar o espiritismo com as religiões, de uma certa forma contrariando o propósito inicial de Allan Kardec que o definira como ciência de consequências filosófico-morais. Como toda escola de pensamento, o espiritismo não estaria indene aos avanços do conhecimento, das ciências, dos costumes. O seu fundador sabia disso e advertiu sobre o risco de seu desaparecimento caso ele se imobilizasse.

Em maio deste ano, fui agradavelmente surpreendido pelo convite do Bruno para prefaciar seu novo livro. Ele apresentou dois inusitados motivos para fazê-lo: o primeiro – disse ele pelo áudio do Whatsapp – por haver tomado conhecimento das minhas atividades ligadas ao livre-pensar no movimento espírita; e o segundo pela profunda simpatia surgida naquele almoço de um ano atrás. O curioso é que esse sentimento é recíproco e o convite foi um verdadeiro amaciante de ego.

Ao ler este segundo livro lançado pelo Bruno, tanto quanto eu, o(a) leitor(a) vai se deparar com reflexões oportunas e instigantes acerca de uma filosofia que, embora surgida no século XIX, se mantém viva, dinâmica e atualizada. Seus princípios e conceitos não só respondem a questões cruciais da existência humana, como

descortinam horizontes de esperança para a Humanidade.

De maneira didática e agradável, o professor Bruno apresenta a filosofia espírita, suas bases e sua ética, analisa suas aplicações, aponta algumas contradições existentes entre os seus seguidores e oferece oportunas sugestões para uma aplicação emancipadora dos princípios espíritas, em nossa vida pessoal e na sociedade, sem o aprisionamento à dogmática religiosa.

A pandemia do coronavírus 19 que se abateu recentemente sobre o planeta afetou gravemente o funcionamento dos centros espíritas e forçou a migração para o mundo digital de muitas atividades antes restritas ao espaço físico das instituições. Postagens de vídeos de palestras, entrevistas, realização de eventos transmitidos pela Internet tornaram conhecidos, cada vez em maior número, pensadores, intelectuais espíritas de diversas áreas do saber acadêmico colocando o espiritismo no ambiente universitário.

Os instigantes e lúcidos textos do Bruno têm sido publicados em veículos tanto religiosos quanto de livre-pensamento ou laicos, como a Revista Espírita do CEI-Conselho Espírita Internacional, da revista Reformador, da FEB, de canais digitais da CEPABrasil-Associação Brasileira de Delegados e Amigos da CEPA, do CCEPA-Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, o que não deixa de representar um exemplo e um convite à convivência entre diferentes maneiras de interpretar o espiritismo. Sua linguagem simples e clara toca no intelecto e no sentimento, tornando a filosofia espírita acessível aos diversos públicos.

A coletânea de artigos contida neste livro surge num momento de inflexão histórica do espiritismo marcada por transformações profundas numa sociedade assolada por crises geradoras de sofrimento e incertezas. Diante desse quadro, o movimento espírita não se posiciona de forma uníssona; ao contrário, o faz de maneira bastante diferenciada.

De um lado, um segmento hegemônico e institucionalizado, de perfil religiosista, com significativa atuação no acolhimento, socorro e assistência às populações mais vulneráveis do País, mas avesso ao envolvimento dos centros espíritas com as questões sociopolíticas.

De outro lado, uma parcela ainda reduzida de espíritas de perfil livre-pensador, progressista, humanista, laico, plural, engajados nas discussões e ações sociopolíticas, na busca de um mundo com menos desigualdades, menos fome e violência e com mais justiça social.

Como eu disse acima, não é inteligente que esses e outros segmentos espíritas se tratem mutuamente como adversários. É puro desperdício de energia desqualificar ou cancelar o segmento que tem interpretação diversa da nossa. O próprio autor do espiritismo admitia diferentes formatos da prática espírita consoante a cultura de cada povo ou região. Kardec recomendava que nos déssemos as mãos em vez de nos atacarmos. Afinal, que autoridade temos para afirmar que o nosso modo de ver o espiritismo é o melhor ou mais correto?

Mesmo a escola de espiritismo fundada por Allan

Kardec não pode ser alçada à condição de única, verdadeira e exclusiva. A excelência metodológica do professor Rivail na sistematização do conhecimento revelado pela manifestação dos mortos, evidentemente o destaca como um dos mais brilhantes investigadores da realidade “post mortem”. Todavia, como o próprio Kardec afirmava, o espiritismo existiu na Antiguidade e persiste, independentemente da “codificação”, entranhado nas práticas medianímicas e nos cultos ancestrais de todos os povos.

Daí a necessidade de considerarmos a existência de diversos espiritismos decorrentes das várias leituras do próprio espiritismo kardeciano. Impossível, como pretendem algumas lideranças religiosas kardecistas, o espiritismo se tornar universal com a mesma roupagem da escola francesa e, muito menos, com o modelo de espiritismo adotado no Brasil. Já não é o que ocorre com as ideias de imortalidade, comunicação, reencarnação e de progresso, que se encontram disseminadas por todas as sociedades do planeta.

Com muito mais força de universalidade, hoje estão popularizadas as noções de espiritualidade, mais do que as de religião, fatos que tornam este livro uma preciosa fonte de esclarecimento e de estímulo à autonomia e à transformação, tanto do indivíduo quanto da sociedade.

O espiritismo precisa desenvolver uma linguagem comunicativa e não doutrinadora!

O espiritismo é um importante instrumento na busca de espiritualidade, na conquista de uma vida mais

plena e um poderoso auxiliar para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e fraterna.

Nesse sentido, Bruno oferece aos leitores, com este livro, valiosa contribuição ao trazer a mensagem da filosofia espírita para os dias de hoje.

Salomão Jacob Benchaya

Outubro de 2025

Bacharel em Economia, ex-bancário, líder sindical, ex-presidente do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre (CCEPA), da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, ex-diretor da CEPA-Associação Espírita Internacional, um dos criadores do ESDE, colaborador do jornal CCEPA-Opinião, organizador dos livros "A CEPA e a atualização do Espiritismo" e "O Pensamento atual da CEPA", autor do livro "Da religião espírita ao laicismo" e coautor, com Milton Medran Moreira, do livro "O espiritismo na perspectiva laica e livre pensadora".

INTRODUÇÃO

Gosto de escrever sem pressa, prazos ou cobranças, deixando a inspiração e ocorrências do cotidiano ditarem os temas que serão abordados. Costumo dizer que minha escrita é como cozinhar e costurar: modelo a massa e a coloco para descansar por algum tempo até que, no momento adequado, retomo, misturo mais um pouco, provo, faço ajustes e coloco para assar. No tecer das ideias, por vezes, identifico alguma lacuna e é necessário desfazer uma costura aqui ou acolá e refazê-la de outro modo. Quando julgo que está bom, submeto a algum periódico ou site e o olhar editorial será meu teste final de qualidade.

Acredito que escrever desta forma tem um quê de subversivo perante as tendências atuais em que muitos querem produzir em quantidade, com pressa e, frequentemente, querendo mais aparecer do que contribuir de fato. Tecer textos sem pressa, cobranças ou expectativas vai na contracorrente da atual sociedade capitalista, produtivista, superficial e hiperconectada.

Se os artigos foram modelados, tecidos e remodelados por mim com tanto carinho e zelo e passaram pelo aval de um(a) editor(a) é porque podem ter algum valor e utilidade. Entretanto, depois de publicados, por mais que possam ser acessados novamente por quem busque com afinco, textos em revistas ou sites costumam ficar esquecidos após alguns meses. Dessa forma, este livro é uma tentativa de reunir num local só todo meu esforço que ocorreu ao longo de alguns anos em

materializar e compartilhar reflexões sobre Espiritismo, espiritualidade e vida.

Gostaria de ter tido fácil acesso a textos que encarassem o Espiritismo de forma aberta, crítica, livre e dialógica quando mais jovem e sei que há uma demanda por parte de várias pessoas para ter contato com esse tipo de abordagem ainda hoje. Além disso, muitos que ainda não o conhecem, mas podem vir a tomar contato com ele no futuro talvez necessitem desse tipo de material à disposição.

De certa forma, diria que esse trabalho é um tipo de continuação do que me propus a fazer em meu primeiro livro – *O que é o Espiritismo? Uma tentativa de resposta para o século XXI*[2] –, que é prosseguir refletindo, dialogando e escrevendo sobre Espiritismo, mas a partir de uma perspectiva do século XXI, de abertura para a sociedade e o pensamento contemporâneos. O mundo, a sociedade, a cultura e a tecnologia têm mudado como nunca antes na humanidade. Dessa forma, urge escrever textos que coloquem o Espiritismo em aderência tanto com questões atuais, quanto com uma linguagem mais arejada.

Sendo assim, este livro é composto por artigos escritos e publicados em diversos periódicos e portais entre os anos de 2021 e 2025, sendo apenas dois deles inéditos. Os locais e datas de publicação serão

---

[2] Meu 1º livro e outros trabalhos autorais estão disponíveis gratuitamente em https://linktr.ee/brunoquintanilha
Caso prefira, também é possível solicitá-lo pelo e-mail brunolquinta@gmail.com

discriminados em cada um deles. Além disso, todos foram revisados novamente, passando por atualizações e ajustes.

Meu desejo é de colaborar para a difusão de um Espiritismo que seja acolhedor, aconchegante, humanizante, leve, consolador, conscientizador, dialogador e crítico. Se este pequeno livro contribuir de alguma forma para atingir pelo menos um desses pontos, me dou por imensamente satisfeito.

I – EM TORNO DO ESPIRITISMO

Mediunidade[3]

Na obra *No invisível*, Léon Denis (2019, p. 52) expressa que o estudo "da mediunidade prende-se intimamente a todos os problemas do Espiritismo; é mesmo a sua chave.". Isto se deve ao fato de que toda a investigação iniciada por Allan Kardec e continuada, posteriormente, por vários outros pesquisadores, médiuns e estudiosos, tem a mediunidade não só como fagulha inicial, mas também seu principal instrumento. Sem mediunidade, não há contato com os Espíritos desencarnados. Por sua vez, sem estes, suas percepções e relatos, não temos Espiritismo. A mediunidade está para o Espiritismo como o microscópio está para a Biologia e a Química.

Sendo assim, compreender um pouco mais sobre essa faculdade humana é condição fundamental para entender mais sobre Espiritismo – mesmo que o indivíduo não seja médium. Aliás, é um erro muito comum entre os espíritas imaginar que o estudo da mediunidade cabe apenas àqueles que sentem e se comunicam com os Espíritos.

Houve e há médiuns nos mais diversos tempos, lugares, culturas e religiões. O Espiritismo não os inventou, mas lançou olhar sobre eles, tentando

---

[3] Publicado originalmente em julho de 2025, em formato de podcast, no meu canal do Youtube e Spotify: *Espiritualidade e Espiritismo no século XXI*. (https://www.youtube.com/@brunoquintanilha473) (https://open.spotify.com/show/0XlylFQJHGgpFSEloHxPuQ?si=aBW-PjTJQuG0LggiofqEvg)

compreender racionalmente suas faculdades. As investigações espíritas buscaram fazer uma filtragem dos relatos e fatos mediúnicos, separando lendas, distorções, superstições e identificando fatos concretos, padrões, evidências, formulando assim explicações e hipóteses para os diferentes mecanismos e sutilezas da mediunidade.

Dessa forma, julgo ser seguro afirmar que o Espiritismo é um marco em relação ao estudo, compreensão e prática da mediunidade, contribuindo para:

1. desmistificá-la e naturalizá-la enquanto uma faculdade humana e um fenômeno da natureza;
2. apontá-la como um instrumento de pesquisa científica e filosófica para investigar a hipótese da existência de um princípio inteligente que há em nós e que sobrevive à morte do corpo físico, continuando a existir num mundo espiritual;
3. evidenciá-la como um instrumento de consolo e esperança, pois na medida em que pode corroborar a hipótese de que todos somos Espíritos imortais habitando corpos mortais, ressignifica de forma radical nossa compreensão acerca da vida, da sociedade e do mundo;
4. apresentar de forma simples, sistemática e didática para os médiuns formas de aprender a lidar de maneira saudável com o que sentem e percebem.

Ciente dessas contribuições, cabe uma pausa importante para que possamos continuar avançando, que é

definir objetivamente em que consiste cada um dos termos mais utilizados aqui até o momento.

*

Em se tratando de mediunidade, eu a definiria como uma capacidade humana de sentir e comunicar-se objetivamente com os Espíritos.

Em *Diversidade dos Carismas*, no capítulo 16, Hermínio Miranda (2019, p. 384) aponta que a mediunidade é: "(...) um mecanismo delicado e ainda pouco entendido, que nos serve para manter um inteligente intercâmbio com os seres humanos que se acham do 'outro lado' da vida."

Outra forma de abordar a questão da mediunidade é tratar essa faculdade humana enquanto uma espécie de sexto sentido. Tato, paladar, olfato, visão e audição são sentidos que nos permitem perceber um pouco do mundo material. Já a mediunidade seria um sentido psíquico que possibilita perceber um pouco do mundo espiritual.

Se a mediunidade é a faculdade, a capacidade, o sentido, chamamos seu portador, no Espiritismo, de médium.

No item 159 de *O Livro dos Médiuns*, Allan Kardec define médium como:

> Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela

> não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. (KARDEC, 2013, p. 171)

Por sua vez, Palhano Júnior, no capítulo 6 de *Transe e mediunidade*, escreve que:

> De ordem geral, todos os homens emitem e recebem ondas mentais. Cada um estabelece intercâmbio mental de acordo com a frequência de suas ondas mentais, que por sua vez obedece ao campo de interesse no qual a mente se localiza. O médium é justamente aquela pessoa que consegue captar, decodificar e transmitir as ideias e os sentimentos que recebe. (PALHANO JÚNIOR, p. 59)

Já Léon Denis (2019, p. 51), em *No invisível*, coloca que "o médium é o agente indispensável, com cujo auxílio se produzem as manifestações do mundo invisível."

Junto a essas definições iniciais, é importante apontar que a mediunidade, ou seja, a percepção e comunicação com os Espíritos pode ocorrer por meio de múltiplas formas ou canais, como por exemplo: visão, audição, escrita, incorporação, intuição, etc.

Há médiuns que apenas perceberão os Espíritos por

meio da audição. Outros somente por meio da visão. Outros, ainda, por meio da incorporação, da escrita ou da intuição e assim por diante – cabendo observar também que a mediunidade não significa perceber e comunicar-se com Espíritos o tempo todo em qualquer lugar e situação.

Essas definições são relativamente difundidas não somente no meio espírita, como também na cultura popular, em filmes e mesmo em outras religiões – ainda que por vezes adotando outros nomes, nuances e entendimentos. Entretanto, cabe apontar que o contato entre um médium e um Espírito não é algo semelhante a uma mera ligação telefônica em que efetuamos contato no momento que queremos, onde desejamos e da forma que escolhemos. Em se tratando de mediunidade, muitas vezes, o sinal é fraco, a voz do interlocutor não é nítida e as ideias que você gostaria de passar chegam de forma fragmentada e imperfeita.

Embora a existência dos Espíritos, a imortalidade da alma e o contato mediúnico sejam uma realidade na ótica espírita, este último – o contato mediúnico – se reveste de sutilezas, nuances e complexidades que, em minha impressão, a maior parte dos indivíduos simplesmente ignora.

Hermínio Miranda ressaltará isso no capítulo 13, de *Diversidade dos Carismas*:

> Na realidade, porém, o médium é muito mais do que um telefone, um teletipo ou um transmissor de rádio ou tv porque, por mais passiva que seja a sua postura, é sempre um ser pensante, dotado de livre-arbítrio, condicionado ao seu grau de

> cultura e evolução, de moral e inteligência, de fidelidade ou dedicação, de harmonia ou desarmonia íntimas. Dessa forma, o pensamento que ele recebe da entidade manifestante acaba retocado com um tom mais leve ou mais carregado de seu próprio colorido pessoal.
>
> Um dos eminentes pesquisadores ingleses desencarnado, empenhado em transmitir seu pensamento através de um médium – e dos bons –, ficou impressionado ante as dificuldades que teve de enfrentar. Disse que era o mesmo que falar através de uma grossa placa de vidro a uma secretária meio surda e não muito competente (...). Ele poderia ter acrescentado que, quase sempre, o vidro está meio sujo, o colorido é muito forte ou há um barulho terrível do lado do médium e coisas assim. Como um aparelho transmissor, o médium também está sujeito a períodos tempestuosos, estática emocional, defeitos técnicos, antena quebrada ou fora de posição, circuitos internos deficientes. (MIRANDA, 2019, p. 281-282)

O caso do Espírito Irmão Jacob, no livro *Voltei*, representa outro exemplo a respeito dessa complexidade do intercâmbio mediúnico.

Sendo espírita enquanto encarnado, ele esperava que após sua morte conseguiria retornar e facilmente estabelecer contato por meio da mediunidade. Após desencarnado, ele visita espiritualmente os trabalhos dos quais Chico Xavier fazia parte e busca tentar iniciar algum

tipo de contato mediúnico:

> Rompi as conveniências e pedi a colaboração do supervisor da casa, embora o respeito que a presença dele me inspirava. Não me recebeu o pedido com desagrado. Tocou-me os ombros, paternalmente, e acentuou, esquivando-se:
> – Meu bom amigo, é justo esperar um pouco mais. Não temos aqui um serviço de mero registro. Convém ambientar a organização mediúnica. A sintonia espiritual exige trato mais demorado.
> Lembrei-me, então, imperfeito e egoísta que ainda sou, de André Luiz. Ele não fora espiritista; no entanto, começara, de pronto, o noticiário do ‘outro mundo’. O diretor, liberal e compreensivo, mergulhou em mim os olhos penetrantes, como se estivesse a ler as páginas mais íntimas de meu coração e, sem que eu enunciasse o que pensava, acrescentou, humilde:
> – Não julgue que André Luiz haja alcançado a iniciação, de improviso. Sofreu muito nas esferas purificadoras e frequentou-nos a tarefa durante setecentos dias consecutivos, afinando-se com a instrumentalidade. Além disto, o esforço dele é impessoal e reflete a cooperação indireta de muitos benfeitores nossos que respiram em esferas mais elevadas. (XAVIER, 2009, p. 19-20)

A médium Yvonne Pereira, por sua vez, narra caso similar, em que um de seus livros iria ser transmitido

inicialmente pelo Espírito Victor Hugo, entretanto este encontrou dificuldades de afinidade que requereriam um preparo e trabalho maior entre Espírito e médium. Sendo assim, Victor Hugo repassa a incumbência de transmissão da história para o Espírito Charles, que possuía não só mais afinidade, como maior experiência de trabalho mediúnico com a médium:

> Para usar o termo utilizado por Oliver Lodge, na obra *Raymond*, Léon Denis foi o 'controle' desse livro [Memórias de um suicida]. Ele tem sido o 'controle' dos meus livros, assim como Charles foi do meu livro *Amor e ódio*, em relação à Victor Hugo. Foi o controle do Charles, porque quem contou aquela história foi Victor Hugo. Victor Hugo não quis escrever comigo. Charles me apresentou como candidata a escrever aquela história de *Amor e ódio*, pois aquilo foi verdade. Eu vi perfeitamente o Victor Hugo; ele me examinou muito, depois virou-se para o Charles e disse assim: 'Não, ela me daria muito trabalho para prepará-la como eu desejo. Escreve você, que conhece a história e tem ascendência sobre ela...' e começou a contar a história. (PEREIRA, 2013, p. 103)

Kardec, em *O que é o Espiritismo*, reforça essa perspectiva acerca da afinidade como elemento fundamental para a comunicação mediúnica:

> 62. As comunicações inteligentes realizam-se igualmente pela ação fluídica do Espírito sobre

o médium, sendo preciso que o fluido deste último se identifique com o do Espírito.

A facilidade das comunicações depende do grau de *afinidade* existente entre os dois fluidos. Cada médium é assim mais ou menos apto para receber a *impressão* ou a *impulsão* do pensamento de tal ou tal Espírito; podendo ser bom instrumento para um e péssimo para outro. Resulta daí que se achando juntos dois médiuns, igualmente bem-dotados, poderá o Espírito manifestar-se por um, e não por outro.

63. É um erro acreditar-se que basta ser médium para receber, com igual facilidade, comunicações de qualquer Espírito.

Não existem médiuns universais para as evocações, nem com aptidão para produzir todos os fenômenos.

Os Espíritos buscam, de preferência, os instrumentos que lhes sejam mais apropriados; impor-lhes o primeiro médium que tenhamos à mão, seria o mesmo que obrigar uma pianista a tocar violino, supondo que, por saber música, pode ela tocar qualquer instrumento.

64. Sem a harmonia, que só pode nascer da assimilação fluídica, as comunicações são impossíveis, incompletas ou falsas. Podem ser falsas, porque, em vez do Espírito que se deseja, não faltam outros, sempre prontos a manifestarem-se e que pouco se importam com a verdade.

65. A assimilação fluídica é, algumas vezes, totalmente impossível entre certos Espíritos e certos médiuns; outras vezes — e é o caso mais

> comum — ela não se estabelece senão gradualmente e com o tempo; é o que explica a maior facilidade com que os Espíritos se manifestam pelo médium com que estão mais habituados; e também porque as primeiras comunicações atestam quase sempre certo constrangimento e são menos explícitas. (KARDEC, p. 140-141)

Suponhamos um médium que seja assumidamente racista. Como um Espírito de um indivíduo que foi negro e escravizado em sua última encarnação irá se comunicar por este médium? Não há afinidade mínima. Haverá mesmo repulsa entre ambos. Se eles não iriam interagir um com o outro enquanto encarnados, muito menos o irão fazer enquanto desencarnados ou mediunicamente.

Como o Espírito de alguém que foi gay ou transexual em sua última encarnação irá, de forma similar ao exemplo anterior, conseguir estabelecer comunicação produtiva com um médium homofóbico e transfóbico?

O Espírito de uma mulher que foi e é livre, autônoma, crítica, intelectual, artista, irá conseguir escrever um livro de poesias por meio de um médium machista e violento?

É preciso urgentemente humanizar o mundo espiritual. Fatos que não se dariam entre nós, encarnados, também não se dariam entre os desencarnados. No fim das contas, somos todos Espíritos, apenas com a diferença de que alguns se encontram temporariamente num corpo de carne e outros não.

Darei outros dois exemplos concretos acerca da

questão da afinidade e o papel que esta desempenha na interação e trabalho entre dois indivíduos.

É muito provável que durante a trajetória na escola, universidade ou trabalho profissional, tenhamos que desempenhar algumas vezes – ou várias – trabalhos em grupo. Suponhamos que eu esteja na primeira semana de aula na faculdade. Ninguém conhece ninguém e teremos que fazer um trabalho em grupo. Estes serão formados de forma aleatória devido ao fato de os estudantes da turma ainda não se conhecerem entre si. As chances de haver dificuldade na organização e na confecção dos trabalhos serão grandes, pois os integrantes precisarão se conhecer, saber como cada um pensa, articular-se entre si, fazer escolhas, definir prioridades, harmonizar diferenças, etc. A depender do grupo há, inclusive, o risco do trabalho nem conseguir ser feito. Há a grande possibilidade de sair mal feito e uma reduzida chance de sair bom. Entretanto, com o passar dos semestres, a turma vai se conhecendo, os grupos vão se rearranjando segundo afinidades e, com novos trabalhos em grupo a fazer, os indivíduos vão se acostumando a trabalhar entre si e, certamente, ao longo dos semestres, a qualidade dos trabalhos irá melhorar.

Um segundo exemplo é relativo a um time de futebol. Reunir 11 jogadores, mais 11 reservas, mais um técnico, mais toda uma comissão técnica em torno de um projeto em comum não é tarefa simples. No entanto, suponhamos que todos esses indivíduos conseguiram, ao longo de 1 ano de trabalho, durante a temporada, adquirir entrosamento, vínculos e, dessa forma, melhorar muito seu desempenho esportivo. Ao final do ano, entretanto, alguns

jogadores e membros da comissão técnica saem do time e outros chegarão para substituí-los. É óbvio que será necessário mais tempo de trabalho para integrar esses novos membros ao grupo e aos seus métodos de trabalho e, mesmo assim, nada garante que a nova configuração do time irá render como a anterior.

São dois exemplos simples, recorrentes no mundo material em que vivemos.

A comunicação mediúnica parece se tratar de algo similar, porém com um componente extra de dificuldade, que é estabelecer uma interação de trabalho/comunicação entre um *vivo* e um *morto*. Dois indivíduos complexos, com suas histórias, preferências, preocupações, personalidades, habilidades, limitações e rotinas que podem ser completamente diferentes. A mediunidade é essa simbiose temporária, esse atravessamento de um ser humano complexo *vivo*, por outro ser humano complexo *morto*.

Hermínio Miranda (2019, p. 284) tem boa metáfora sobre esse processo no capítulo 13 de *Diversidade dos Carismas*: "Voltemos à nossa imagem colorida. Se o pensamento do espírito desencarnado comunicante fosse azul e o do médium fosse amarelo, a mensagem não poderia fugir a uma tonalidade esverdeada."

Ou seja, o produto final da interação mediúnica, que é uma mensagem, nunca será 100% aquilo que o emissor (Espírito desencarnado) queria que fosse, pelo simples fato de que a mensagem precisa passar por outro indivíduo (Espírito encarnado) num outro plano da vida. A mensagem final será sempre uma soma entre o colorido do

Espírito e do médium. Voltemos a Hermínio Miranda (2019, p. 283):

> Como ficou dito alhures, no meu entender, não há fenômeno mediúnico puro, pois haverá neles, sempre, um inevitável componente anímico. A razão é simples, direta, objetiva e irrecusável: a comunicação mediúnica só se torna possível quando o espírito se utiliza de um companheiro encarnado, ou seja, de *uma alma* (*anima* = espírito encarnado, como a conceituaram os espíritos).

Levar isso em conta no estudo e prática da mediunidade é fundamental. Poderá haver situações em que o médium consiga diminuir seu matiz na mensagem, mas ele jamais irá eliminá-lo. Assim como haverá situações em que o matiz do médium na mensagem será mais forte que o do Espírito. E, por sua vez, pode haver situações em que nem Espírito exista na comunicação – e o médium não esteja necessariamente atuando de má fé.

> Calculem, pois, os obstáculos naturais que nos cerceiam as intenções. Se não há combinação fluídico-magnética entre o Espírito comunicante e o recipiente humano, realizar-se-á nosso intento apenas em sentido parcial.
> É quase impossível impormos nossa individualidade completa. (XAVIER, 2009, p. 14)

É como se a comunicação mediúnica fosse a

brincadeira do *telefone sem fio*, em que uma mensagem é criada e, em seguida, é repassada entre vários indivíduos ao pé do ouvido, sem repeti-la. Depois de passar por 15 indivíduos, ela chega ao final, quase sempre, bastante diferente em relação à sua versão original. A mediunidade é uma espécie de *telefone sem fio* infinitamente mais complexo e difícil.

Noutra perspectiva, é possível afirmarmos que as comunicações mediúnicas se estabelecem num regime de coautoria. Logo, os livros em que Chico Xavier serviu como médium possuem um autor desencarnado e um coautor encarnado.

Reforça essa noção de coautoria o fato de que o mesmo livro que foi ditado a Chico, se fosse ditado a Yvonne, com certeza sairia diferente – o tanto, não sabemos, mas com certeza diferente. E é importante reforçar que isso não ocorre por má fé do médium, mas pelos próprios mecanismos e limitações da mediunidade.

Os espíritas do século XIX já estavam plenamente cientes disso, conforme Léon Denis atesta em *No invisível*:

> O mais importante, no exame dos fenômenos, é distinguir a parte que é preciso atribuir ao organismo e à personalidade do médium e a que provém de uma intervenção estranha, e determinar em seguida a Natureza dessa intervenção. (DENIS, 2019, p. 52)

Importante observar a necessidade de uma postura equilibrada nesse assunto, com cuidado para não recair num ceticismo radical e absoluto acerca da mediunidade,

mas também para não incidir numa credulidade passiva e acrítica.

Tenho para mim que há evidências robustas o suficiente para considerar a mediunidade e a continuidade da existência de nossas consciências após a morte do corpo físico como fatos concretos – o que não significa que ainda não precisemos continuar estudando e que não tenhamos mais questões ou dúvidas a serem respondidas.

O que precisamos é buscar entender melhor a mediunidade, continuando a pesquisá-la, humanizando médiuns e nos apropriando do Espiritismo de uma forma aberta, crítica e dialógica.

Mediunidade é uma faculdade humana e o médium é um ser em evolução como qualquer outro, com talentos, mas também dificuldades, limitações. Santificar ou idolatrar médiuns é erro que o próprio Kardec (2013, p. 241-242) já advertiu em *O Livro dos Médiuns*:

> *9a Qual o médium que se poderia qualificar de perfeito?*
> "Perfeito, ah! bem sabes que a perfeição não existe na Terra, sem o que não estaríeis nela. Dize, portanto, bom médium, e já é muito, pois que eles são raros. Médium perfeito seria aquele contra o qual os maus Espíritos jamais *ousassem* uma tentativa de enganá-lo. O melhor é aquele que, simpatizando somente com os bons Espíritos, tem sido o menos enganado."
> *10a Se ele só com os bons Espíritos simpatiza, como permitem estes que seja enganado?*
> "Os bons Espíritos permitem, às vezes, que isso

> aconteça com os melhores médiuns, para lhes exercitar a ponderação e para lhes ensinar a discernir o verdadeiro do falso. Depois, por muito bom que seja, um médium jamais é tão perfeito que não possa ser atacado por algum lado fraco. Isto lhe deve servir de lição. As falsas comunicações, que de tempos em tempos ele recebe, são avisos para que não se considere infalível e não se ensoberbeça. Porque o médium que receba as coisas mais notáveis não tem que se gloriar disso, como não o tem o tocador de realejo que obtém belas árias movendo a manivela do seu instrumento."

Que o Espiritismo seja, simultaneamente, ferramenta de pesquisa, esclarecimento, consolo, esperança e transformação. E que a mediunidade seja compreendida enquanto complexo e multifacetado instrumento de interação entre os dois planos da vida.

REFERÊNCIAS

DENIS, Léon. No invisível: espiritismo e mediunidade. 26. ed. 3. imp. Brasília: FEB, 2019.

KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns, ou, guia dos médiuns e dos evocadores: Espiritismo experimental [tradução de Guillon Ribeiro a partir da 49a edição francesa de 1861]. 81. ed. 1. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, Allan. O que é o Espiritismo [tradução da Redação de *Reformador* em 1884]. 56. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, Allan. Revista Espírita –Jornal de Estudos Psicológicos 1866 [tradução de Evandro Noleto Bezerra]. Brasília: Federação Espírita Brasileira.

MIRANDA, Hermínio. Diversidade dos Carismas. 9. ed. São Paulo: Instituto Lachatre, 2019.

PALHANO JÚNIOR, Lamartine. Transe e mediunidade: instruções

espíritas para prática da mediunidade. 3. ed. 3. reimp. São Paulo: Instituto Lachatre, 2021.
PEREIRA, Yvonne do Amaral. Pelos Caminhos da Mediunidade Serena. (Obra de entrevistas e textos organização por Pedro Camilo). 3. ed. Bragança Paulista: Instituto Lachatre, 2013.
XAVIER, Francisco Cândido. Voltei. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009.

Espiritismo é religião? O que é o Espiritismo?[4]

O Espiritismo é uma *religião*?

Antes de responder a esta pergunta é necessário definirmos o que entendemos por *religião*.

Sempre que utilizamos alguma palavra é muito importante que façamos uma definição clara e objetiva do significado que damos a ela, como a entendemos, porque muitos termos são polissêmicos, ou seja, possuem mais de um significado dependendo da situação em que são utilizados ou da pessoa que os utiliza.

Por exemplo: quando menciono o termo *manga*, posso estar me referindo à fruta, mas também a uma parte específica de uma roupa. Quando menciono o termo *vela*, posso estar me referindo à vela de um barco, a uma modalidade esportiva ou ao objeto feito de cera que serve para iluminar ambientes escuros. Inclusive, muitos dos nossos problemas de relacionamento – profissionais, familiares, de amizade ou românticos – surgem a partir de mal-entendidos que se originam de falhas de comunicação, onde não expressamos com exatidão o que sentimos ou pensamos e, dessa forma, as pessoas têm maior dificuldade em interpretar e compreender nossas ideias.

Sendo assim, quanto mais objetivos, claros e sintéticos pudermos ser em nossos discursos ou falas, melhor a comunicação e mais chances de expressarmos com precisão o que sentimos e pensamos, evitando que

---

[4] Publicado originalmente em dezembro de 2021 no Site https://leondenisonline.com/ e em abril de 2022 na *Revista Reformador*, da FEB.

sejamos mal interpretados ou mal-entendidos.

Uma dica de leitura para nos ajudar a lidar melhor com esse processo de comunicação, troca, diálogo, expressão de ideias e emoções é a obra *Comunicação Não Violenta*, de Marshall Rosenberg.[5]

O fato é que considero o termo *religião* polissêmico, ou seja, como possuindo mais de um significado possível.

Uma primeira possibilidade de significado é considerar a *religião* como uma instituição criada por seres humanos, datada historicamente e localizada geograficamente, que pode vir a ter um conjunto de regras, sacerdócio, hierarquia, lógica geralmente verticalizada, dogmas (princípios de fé não passíveis de questionamento ou crítica) e, frequentemente, projetos de hegemonia ou de poder material de caráter político ou até mesmo econômico. A impressão que tenho é que no imaginário popular, quando menciono o termo *religião*, é isso que foi enumerado que vem à mente de grande parte das pessoas. Sob esse aspecto, o Espiritismo não é, em sua essência e

---

[5] Yvonne Pereira, na obra *Pelos Caminhos da Mediunidade Serena*, possui observação que julgo relevante acerca da necessidade de não lermos apenas livros espíritas, mas sim tomarmos contato com literaturas diversas para que, dessa forma, possamos ampliar nossa capacidade de reflexão e nossa visão de mundo, sociedade e mesmo do próprio Espiritismo: "Há ocasiões em que meus guias me recomendam ler obras profanas de todos os tipos, desde que esclareçam e edifiquem a mente. Atermo-nos somente à literatura espírita será exclusivismo que limitará a nossa ação em favor da própria doutrina que defendemos.".

proposta original, de forma nenhuma, *religião*.[6]

Uma segunda possibilidade de significado para o termo *religião* é considerá-la enquanto um sentimento, uma forma de conexão interior e particular do ser humano com uma força maior, com o sagrado, com Deus, independentemente de instituições, regras fechadas ou lugares. Léon Denis, por exemplo, segue nessa linha de pensamento e afirma, em *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, no capítulo 1, que "a Religião é o esforço da Humanidade para se comunicar com a Essência eterna e divina.". Já na obra *Depois da Morte*, também no capítulo 1, o mesmo autor declara que "a verdadeira religião é um sentimento; é no coração humano, e não nas formas ou manifestações exteriores, que está o melhor templo do Eterno.". Ainda no capítulo 1 da mesma obra, Denis recorre à etimologia do termo *religião*, que significaria uma espécie de religação, de conexão entre os seres humanos e a divindade. Sob esse aspecto, em minha opinião, o Espiritismo – na proposta kardequiana – poderia ser considerado uma *religião*.

---

[6] Aponto aqui que em minha percepção pessoal, o Espiritismo no Brasil do século XXI é encarado, provavelmente pela maioria das pessoas, enquanto uma *religião* na primeira possibilidade de significado em que apontei – ainda que de forma inconsciente em muitos. Ou seja, muito embora Kardec busque – ainda que com algumas contradições – inserir o Espiritismo na segunda possibilidade apontada aqui, o movimento instaurado no Brasil hoje se comporta, muito frequentemente, como *religião* no sentido tradicional.
Faço questão de apontar que não estou aqui fazendo juízo de valor a respeito do que o Espiritismo se tornou no Brasil atual. Não é isso. Quero apenas mencionar que, em significativa parte, adotamos práticas, modelos e mentalidades que não estavam contidos na prática original kardequiana.

Entretanto, o fato é que quando falamos em *religião*, as pessoas misturam ambas essas acepções e cada um tem uma percepção muito particular do termo e de sua significação segundo suas próprias experiências de vida, cultura e subjetividades.

Sendo assim, me parece que por essa polissemia e confusão em torno do termo é que Kardec aparenta desviar-se constantemente de afirmar o Espiritismo enquanto *religião*, pois em grande parte das vezes, quando esse termo é mencionado há a associação com templos, regras, hierarquias, verticalidade, dogmas, poder material, etc, e não apenas com um sentimento livre e autônomo de conectividade com algo superior.

Particularmente, enxergo o Espiritismo enquanto um campo do conhecimento e uma doutrina aberta, progressiva, dinâmica.

Ele não surge da fé religiosa – muito embora não trabalhe contra ela e até a estimule a seu modo –, mas da investigação de fenômenos (mesas girantes, ruídos, comunicação dos mortos) que, apesar de sempre terem ocorrido na história da humanidade, no século XIX estavam acontecendo sistematicamente[7] em alguns lugares e, até então, ninguém conseguia explicar de forma

---

[7] O escritor escocês Arthur Conan Doyle (2013, p. 15), na obra *A história do espiritualismo*, escrevendo a respeito da diferença entre os fenômenos de comunicação com os mortos no passado distante e no seu tempo (século XIX) afirma: "A única diferença entre os fatos antigos e o moderno movimento é que aqueles podem ser descritos como episódios de viajantes perdidos de alguma esfera distante, enquanto este último apresenta as características de uma invasão organizada."

satisfatória.

Essa investigação da comunicação dos mortos e sua intervenção no mundo material utilizou elementos de ciência, como um método, a construção de teorias, hipóteses, de verificação e, ao mesmo tempo, a investigação desses fenômenos também utilizou-se de pensamento filosófico, na medida em que travando contato com Espíritos através de médiuns, efetuaram-se uma série de questões que o ser humano sempre se fez (por que estamos aqui, quem somos, de onde viemos, para onde vamos, etc.).

A partir dessa pesquisa em que se utilizou elementos de ciência e filosofia, construiu-se todo um sistema de ideias e valores, com alto poder explicativo, com uma ética, um conjunto de valores potente e com um forte componente consolador, de esperança, mas também de ação social na busca da construção de um mundo mais justo e fraterno. Por fim, o Espiritismo enquanto doutrina estimula o despertar de fé e de uma religiosidade independente de instituições e de pessoas, uma religiosidade autônoma, aberta, humanista e humanizante, de uma conexão direta entre Criador e criatura.

Allan Kardec definiu o Espiritismo, no preâmbulo da obra *O que é o Espiritismo*, da seguinte forma:

> O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações.

(KARDEC, 2013, p. 40)

Num esforço imperfeito de síntese para a atualidade, eu me atrevo a classificar o Espiritismo na seguinte frase: doutrina progressiva, sistema de ideias com alguns elementos de ciência e filosofia, com uma dimensão ética e com potencial para despertar e alimentar fé e religiosidade autônomas e abertas.

Além disso, também gosto de ver o Espiritismo enquanto uma espécie de óculos que nos ajuda a olhar para o mundo e interpretá-lo um pouquinho mais a fundo, a partir de um paradigma espiritualista, ou seja, de uma lógica que leva em consideração que a vida não termina com a morte do corpo físico.

Os conceitos centrais do Espiritismo (mediunidade, Espírito, Deus, evolução e reencarnação)[8] e a sua ética (pautada em valores como altruísmo, empatia, respeito e não violência) nos conferem mais instrumentos de explicação e análise acerca de vários fenômenos e processos, nos permitem tentar avançar um pouquinho mais na explicação e compreensão de uma série de coisas que sem esses conceitos e valores permanecem inexplicados.

Além disso, é importante observar que o Espiritismo não inventa nenhuma ideia nova, mas apenas tenta reelaborar ideias muito antigas da humanidade sob uma perspectiva moderna (falo aqui do século XIX). O

[8] Me recordo que a primeira vez que ouvi a menção a esses 5 conceitos como sendo os pilares do Espiritismo foi em uma palestra do Vinicius Lara.

próprio Kardec tinha ciência disso quando afirma no item 104 do livro *O que é o Espiritismo* que "O Espiritismo ensina poucas verdades absolutamente novas, ou mesmo nenhuma, (...)".

E para agregar mais materiais sobre nossa reflexão acerca do Espiritismo, avalio como importante um trecho do livro Viagem Espírita em 1862 e outras viagens de Kardec, editado pela FEB. No capítulo referente a viagem espírita em 1861, em um Discurso de Allan Kardec durante o banquete que lhe foi oferecido em Lyon, ele afirma o seguinte a respeito do Espiritismo:

> é uma Doutrina puramente moral, que absolutamente não se ocupa dos dogmas e deixa a cada um inteira liberdade de suas crenças, pois não impõe nenhuma. E a prova disto é que tem aderentes em todas, entre os mais fervorosos católicos, como entre os protestantes, os judeus e os muçulmanos. O Espiritismo repousa sobre a possibilidade de comunicação com o mundo invisível, isto é, com as almas. Ora, como os judeus, os protestantes e os muçulmanos têm almas como nós, o que significa que podem comunicar-se tanto com eles quanto conosco, e que, conseguintemente, eles podem ser espíritas como nós. Não é uma seita política, como não se trata de uma seita religiosa; é a constatação de um fato que não pertence mais a um partido do que a eletricidade e as estradas de ferro; é, insisto, uma doutrina moral, e a moral está em todas as religiões, em todos os partidos.

(KARDEC, 2005, p. 194)

Neste trecho, Kardec aponta o Espiritismo enquanto um conjunto de conhecimentos que poderia ser apropriado por qualquer pessoa, independentemente de sua crença ou religião. Tanto que ele revela que em seu tempo havia pessoas de outras religiões que aderiam ao Espiritismo sem necessariamente abandonar suas crenças anteriores[9]. Isso faz muito sentido, por exemplo, quando consideramos a mediunidade, que é uma faculdade do ser humano. Provavelmente, há indivíduos médiuns em todas ou quase todas as religiões, culturas e sociedades. E, nesse sentido, o Espiritismo pode ser uma ferramenta[10] para auxiliar a entender essa faculdade e a lidar com ela de forma saudável e equilibrada, por exemplo.

---

[9] Entendo a visão de Kardec de que seria possível se apropriar de alguns conceitos espíritas sem abrir mão da crença em outra religião, entretanto, cabe apontar que, em alguns casos, os princípios espíritas podem vir a se chocar frontalmente com alguns dogmas ou preceitos de outras religiões. Nesses casos, o indivíduo precisaria fazer escolhas ou reelaborar sua fé religiosa a partir de uma nova síntese ou combinação de conceitos e ideias.
De qualquer forma, entendo que, em muitas situações, o Espiritismo pode sim auxiliar bastante pessoas de outras religiões a entenderem ou lidarem com certas questões – sem que necessariamente deixem sua fé religiosa original.

[10] Não tenho a pretensão de colocar o Espiritismo como a única maneira de aprender a lidar com a mediunidade, pois enquanto doutrina, o Espiritismo é extremamente jovem do ponto de vista histórico e, antes de seu surgimento, muitos médiuns já houveram na face da Terra que utilizaram suas faculdades sem necessariamente conhecê-lo. Além do mais, há outros grupos que lidam com a mediunidade e não são espíritas. Não considero acertado encarar o Espiritismo como único caminho para a educação da mediunidade.

Dessa forma, vejo o Espiritismo como uma contribuição para o pensamento humano, para a religiosidade das pessoas e para a sociedade. Não o enxergo como um rival de outras denominações, crenças, filosofias, das ciências ou das religiões. Não o enxergo como uma ideia que vai homogeneizar, suplantar, hegemonizar, mas como um conjunto potente de ideias e valores que tem muito a oferecer. Vejo o Espiritismo como um estímulo – mas não o único – a uma espiritualidade humanizante, altruísta, livre, consciente. Espiritualidade essa que o Pastor Henrique Vieira, no livro *O amor como revolução*, define da seguinte forma:

> Espiritualidade é abertura, fundamentalismo é fechamento. Espiritualidade se move nas perguntas, fundamentalismo, em certezas irretocáveis. Espiritualidade é experiência e contemplação, fundamentalismo é doutrina. Espiritualidade se move no amor e na liberdade, fundamentalismo, na culpa e no medo. Espiritualidade transita nas diferenças e percebe a diversidade como expressão sagrada, fundamentalismo vê a diversidade como maldição. Portanto, a experiência religiosa é saudável quando alimenta a espiritualidade sem sufocá-la. (VIEIRA, 2019, p. 65)

Em um outro trecho, em outra parte, ele continua:

> Sendo assim, a espiritualidade não é certeza objetiva, porque transita na dúvida. Espiritualidade não é institucionalizar o Sagrado, fechando-o em dogmas e verdades

> inabaláveis, mas é o exercício de tatear o Sagrado tal qual um bebê passando os dedos no rosto da mãe. Espiritualidade é mais abertura do que fechamento; mais perguntas do que respostas; mais consolo e caminhada do que bênção ou maldição. (VIEIRA, 2019, p. 51)

Por fim, em outro trecho, Henrique Vieira arremata sua ideia de Deus e espiritualidade dizendo assim:

> Gosto de pensar em Deus assim, como o sorriso da Maria [filha do pastor]. Esse sorriso que é para mim, mas não só. Gosto de pensar no amor de Deus como algo parecido com o que sinto por ela. Deus não é uma verdade fechada, petrificada em um texto e que precisa ser defendido dos hereges. É como amar Maria e saber que não sou o dono dela. Amar a Deus é saber que não o controlo, que ele sorri para outros povos, culturas e religiões. (VIEIRA, 2019, p. 50)

Oxalá possamos nos apropriar do Espiritismo de forma que possamos vir a alimentar essa espiritualidade aberta, agregadora, libertadora, acolhedora, aconchegante, humanista e humanizante, empática, horizontal, democrática, que valoriza a diversidade, que nos conecte com algo maior, nos alimente enquanto fé saudável, sadia, altruísta e generosa, que nos faça esperançar e despertar emoções e sentimentos saudáveis, que nos conecte com esse poder superior, essa força da vida que cada povo chama por um nome diferente e que nós aqui no Ocidente denominamos de Deus, mas que no fundo é o supremo

amor e fonte da vida.

REFERÊNCIAS

DENIS, Leon. Depois da Morte: exposição da doutrina dos espíritos. 1. ed especial. Rio de Janeiro: FEB, 2008.

DENIS, Leon. O Problema do Ser, do Destino e da Dor. 32. ed. Brasília: FEB, 2013.

DOYLE, Arthur Conan. A História do Espiritualismo: de Swendenborg ao início do século XX [tradução de José Carlos da Silva Silveira]. 1. ed. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, Allan. O que é o Espiritismo [tradução da Redação de *Reformador* em 1884]. 56. ed. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, Allan. Viagem Espírita em 1862 e outras viagens de Kardec [tradução de Evandro Noleto Bezerra]. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

PEREIRA, Yvonne do Amaral. Pelos Caminhos da Mediunidade Serena. (Obra de entrevistas e textos organizada por Pedro Camilo). 3. ed. Bragança Paulista: Instituto Lachatre, 2013.

ROSENBERG, Marshall. Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.

VIEIRA, Henrique. O Amor como Revolução. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

A natureza do Espiritismo e seus rumos[11]

Fenômenos de relação entre os chamados mortos e os vivos estão registrados por toda a história, presentes em variadas tradições religiosas e na cultura popular de muitas sociedades. Dão-se nomes diferentes, adotam-se formas diversas, mas em muitas épocas e lugares o mundo dos vivos interagiu com o mundo dos mortos, por vezes de forma mais extensiva e em outras de forma mais oculta.

Allan Kardec, na Europa do século XIX, percebe esse fato histórico e o encara com seriedade e abertura, fazendo um imenso esforço de investigação, sistematização, teorização e filosofia a respeito desses fenômenos. Esse esforço ele nomeou de *Espiritismo* ou *Doutrina Espírita*.

Dessa forma, Kardec não inventa fenômenos ou especula sobre questões imaginárias, ele apenas tenta entender um fenômeno que está posto na natureza: os ditos mortos comunicam-se e relacionam-se com os vivos das mais diversas formas possíveis: audição, escrita, fala, visão, sonhos, movimento de objetos, etc. As pessoas que têm essas experiências e servem de intermediários para essa comunicação entre vivos e mortos passam a ser chamadas de *médiuns*.

É claro que identificar, testar e comprovar de forma metódica e racional a existência de um princípio inteligente no ser humano que sobrevive à morte do corpo físico – chamado de *Espírito* – é algo que tem

---

[11] Publicado originalmente em setembro de 2023 na *Revista Internacional de Espiritismo*, da editora O Clarim.

repercussões em todas as dimensões da vida e do conhecimento humano.

Além disso, é também fundamental entender a doutrina espírita construída por Allan Kardec enquanto um fenômeno histórico-geográfico. É necessário lembrar e ressaltar que Kardec era um professor, homem, francês, de seus 50 anos, que viveu no século XIX e que teve apenas pouco mais de uma década para efetuar pesquisas e escrever obras sobre temas e questões extremamente complexas. Ou seja, o Espiritismo enquanto doutrina é também um produto de um tempo e de um espaço, com influências da cultura, da ciência e das limitações daquele contexto. Num olhar científico, não há nada a-histórico ou a-geográfico. Todo indivíduo, coletividade ou ideia sofre influência e é condicionado pelo contexto em que vive ou se desenvolve, assim como suas transformações também são condicionadas por outros contextos histórico-geográficos. Ter isso em mente é muito importante para não cair em análises ou conclusões rasas.

Entretanto, um elemento relevante a ser mencionado, mas frequentemente esquecido, ou mesmo nem percebido pelas pessoas, é que Kardec acaba inaugurando algo muito mais amplo que uma doutrina. Ele descortina e difunde um verdadeiro campo do conhecimento, que teria como objeto de estudo justamente as relações entre mortos e vivos por meio da mediunidade e todas as consequências morais e filosóficas que advêm dessa relação[12] (KARDEC, 2013).

---

[12] Ver o final da biografia de Allan Kardec, escrita por Henri Sausse, e presente nas edições mais recentes da obra *O que é o Espiritismo?*,

É como se fosse necessário fazer um exercício de separação entre a doutrina construída por um indivíduo[13] – com esmero e brilhantismo – e um fenômeno da natureza que precisa se tornar um campo do conhecimento, tanto quanto o são a química, a física, a biologia, a história, a geografia, a medicina, etc.

Quais são as consequências filosóficas, científicas e religiosas de acrescentarmos a existência de vida humana consciente e inteligente após a morte do corpo físico enquanto uma premissa para nossas vidas, estudos e reflexões? Ao que parece, seria uma verdadeira revolução epistemológica e, por que não, ética, social e cultural também.

Cabe, por parte do meio acadêmico, dos pesquisadores sérios e dos filósofos aproveitar com boa vontade, abertura e criticidade todas as investigações, documentos, métodos, teorias e hipóteses já construídas por autores sérios vinculados ao campo da pesquisa espírita ou espiritualista – e há inúmeros[14]. A partir disso,

---

editada pela FEB. Lá, Kardec aponta o que seria, em sua perspectiva, o objeto de estudo do Espiritismo e que foi reproduzido neste texto.

[13] Importante apontar que Kardec inicia a doutrina espírita, mas depois ela é apropriada e reelaborada por outras pessoas em outros tempos/lugares. Conforme médiuns/pesquisadores interagem com os Espíritos coletando mais dados, novas teorias, questões e hipóteses surgem. No capítulo 1 de *A Gênese*, Kardec aponta a noção de que o Espiritismo é algo em construção e transformação.

[14] Recomendo a leitura do livro *Ciência da Vida Após a Morte*, de Alexander Moreira, Marianna Abreu e Humberto Schubert, que apresenta uma síntese de inúmeras pesquisas, com evidências robustas que fortalecem a hipótese da independência e sobrevivência da

apropriar tudo o que for útil e verdadeiro à ciência e à filosofia modernas, criando e institucionalizando um novo campo do saber e de investigação da natureza.

Chamar-se-ia Espiritismo? Não sabemos. Na verdade, talvez o nome nem faça diferença. O importante é não continuar relegando, na contemporaneidade, uma fração de fenômenos da natureza apenas ao campo da religião (para o qual a doutrina espírita migrou e se estabeleceu[15]) e da fé, mas incorporá-los à filosofia e à ciência também.

REFERÊNCIAS

KARDEC, Allan. O que é o Espiritismo [tradução da Redação de *Reformador* em 1884]. 56. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013.

---

consciência em relação ao corpo físico. Essa obra é exatamente um esforço de apropriação do objeto de estudo do Espiritismo pela ciência formal contemporânea.
Para além disso, as pesquisas sobre EQM's (Experiências de quase morte) também são campo fértil para investigações do gênero e que têm sido explorado por inúmero(a)s pesquisadore(a)s.

[15] Ao que parece, o Espiritismo, na atualidade, é encarado e apropriado por parte de seus adeptos, admiradores e desconhecedores como uma religião no sentido mais formal desse termo. Faltam ao movimento espírita atual um pensar de caráter mais filosófico e científico, de mais abertura, de mais curiosidade e menos dogmatismo. É importante ressaltar que o Espiritismo e as instituições espíritas ainda são importante fonte de consolo, esperança, fé, sociabilidade, trabalho, amparo. Entretanto, cabe apontar também que significativa parte do movimento espírita tem posturas dogmáticas e opostas a uma lógica filosófica e científica de pensamento, demonstrando desconhecer a lógica e proposta kardequiana para o Espiritismo. Yvonne Pereira (2013, p. 89) já percebia e alertava sobre isso: "A grande massa dos espíritas desconhece os princípios do espiritismo. Lê os livros, é verdade, mas confessa que nada entende, principalmente os de base, de Allan Kardec (...).".

PEREIRA, Yvonne do Amaral. Pelos Caminhos da Mediunidade Serena. (Obra de entrevistas e textos organização por Pedro Camilo). 3. ed. Bragança Paulista: Instituto Lachatre, 2013.

Espiritualismo, Espiritismo e espiritualidade[16]

A obra *Nosso Lar*, psicografada por Francisco Cândido Xavier e assinada pelo Espírito André Luiz, possui duas introduções: a primeira da autoria de Emmanuel e a segunda, do próprio André Luiz.

O último parágrafo da introdução feita por Emmanuel apresenta relevante provocação e, ao mesmo tempo, convite à reflexão:

> Guarde a experiência dele [André Luiz] no livro dalma. Ela diz bem alto que não basta à criatura apegar-se à existência humana, mas precisa saber aproveitá-la dignamente; que os passos do cristão, em qualquer escola religiosa, devem dirigir-se verdadeiramente ao Cristo, e que, em nosso campo doutrinário, precisamos, em verdade, do ESPIRITISMO e do ESPIRITUALISMO, mas, muito mais, de ESPIRITUALIDADE. (XAVIER, 2007, p. 9)

Muitas pessoas olham para essas últimas linhas de forma enigmática ou simplesmente as deixam passar despercebidas. Entretanto, é preciso tentar sondar seu possível significado mais profundo e, para isso, é importante tentar definir claramente o que são os três principais termos citados: *espiritualismo*, *espiritismo* e *espiritualidade*.

Na perspectiva de Kardec, *espiritualismo* é:

---

[16] Publicado originalmente em outubro de 2023 na *Revista Reformador*, da FEB.

> o oposto do materialismo[17]. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é espiritualista. Não se segue daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. (KARDEC, 2012, p. 15).

Nessa acepção, cristãos, espíritas, judeus e muçulmanos podem ser classificados como *espiritualistas*, pois todos acreditam que existe algo no ser humano para além da matéria e alguma destinação após a morte – havendo discordância entre essas diferentes doutrinas justamente em como seria essa vida pós-morte.

Já o *espiritismo* pode ser encarado como um campo do conhecimento – ainda muito inexplorado –, uma filosofia *espiritualista* e um estímulo a uma religiosidade livre, aberta e autônoma. Enquanto campo do conhecimento, busca investigar e compreender as relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos. Enquanto filosofia *espiritualista*, o *espiritismo* questiona sobre o que está para além do estritamente material, refletindo sobre as consequências da imortalidade da alma e das relações entre os Espíritos e os homens por meio da mediunidade. A partir dos seus conceitos principais (mediunidade, Espírito, Deus, evolução e reencarnação) e de sua ética (pautada no respeito, na empatia, na não violência e no altruísmo), o *espiritismo* pode vir a estimular religiosidade, ou seja, uma conexão do indivíduo com algo

---

[17] É importante apontar que o termo *materialismo*, do ponto de vista filosófico, possui significação mais ampla e variada.

superior, mas uma conexão independente de instituições, lugares e regras.

Resta, por fim, tentar definir o que seria *espiritualidade*. É comum encontrar no movimento espírita pessoas que atribuam a essa palavra o significado de presença de Espíritos benfeitores ou de existência do mundo espiritual:

- Tenhamos fé na *espiritualidade*.

- Oremos e aguardemos a resposta da *espiritualidade*.

- Sinto a *espiritualidade* presente na reunião de hoje.

Essas frases acima são exemplos da forma como o termo é usualmente significado em boa parte das instituições espíritas. No entanto, cabe observar que essa significação não se encaixa naquela que Emmanuel parece atribuir a esse termo na introdução da obra Nosso Lar.

É então que entra uma outra possibilidade de olhar para a palavra *espiritualidade*. Esta seria qualquer sensação ou percepção no ser humano que transcende, de alguma forma, o estritamente material. Por exemplo: uma pessoa está em uma praça cheia de natureza e tranquilidade e, fechando seus olhos, ouve o canto dos pássaros e sente o vento suave que desliza sobre sua pele; nesse estado de relaxamento e contemplação é tomada por uma profunda sensação de conexão com toda a vida ali presente, é envolvida por uma alegria e sensação de bem estar profundas. Neste momento, essa pessoa estaria vivenciando um momento de transcendência do material, ou, em outras palavras, um momento de *espiritualidade*.

É possível dar outros exemplos: andar por um museu e deparar-se com uma obra de arte que te emociona, arrepia e sensibiliza; abraçar alguém que ama e sentir uma sensação de paz e alegria que não é possível descrever em palavras; observar o pôr do sol e ser tomado por um sentimento de admiração pela beleza e grandiosidade da natureza; receber o carinho de pessoas queridas durante seu aniversário e sentir com isso uma profunda gratidão pela vida e pelos afetos. Todas essas sensações ou percepções que ultrapassam a barreira do estritamente material são, no que estou desenvolvendo aqui, momentos de *espiritualidade*.

Encarando sob essa perspectiva, Emmanuel estaria querendo dizer em seu texto aqui analisado que *espiritualismo* e *espiritismo* são importantes e têm seu valor e relevância, no entanto apenas isso não basta. É necessário, para além de estar inserido em um campo religioso ou doutrinário, vivenciar momentos de *espiritualidade* em quaisquer espaços ou situações. Precisamos muito mais de transcendência da matéria do que de religiões institucionalizadas, crenças meramente formais ou auto intitulações – digo isso porque é possível estar em um templo religioso e estar pensando coisas ruins ou mesmo estar efetuando um trabalho voluntário e estar completamente indiferente emocionalmente.

Nesse sentido, Jesus, segundo é possível observar no Novo Testamento, vivencia a *espiritualidade* independentemente de lugares, pessoas ou situações específicas. Pela vivência do amor em seu sentido mais profundo, do acolhimento aos que sofrem, da escuta aos

necessitados, do contato com a natureza e com o povo, das orações, dos momentos em que ensinava junto ao povo ou simplesmente convivia com seus amigos, ele provavelmente vivenciava, com frequência, essas sensações de transcendência da matéria. Dessa forma, a *espiritualidade* de Jesus não estaria restrita somente à *religião institucionalizada* ou a *templos religiosos*, mas se estenderia por qualquer situação cotidiana da vida. Nessa perspectiva, é possível inclusive não professar nenhuma religião e ainda assim ser pleno de *espiritualidade*.

Sendo assim, é possível que Emmanuel esteja nos convidando a refletir sobre como estamos vivenciando nossa *espiritualidade*: só a experimentamos no templo religioso e em determinado dia da semana? Ou somos capazes de sentir e exercer afeto, de nos emocionarmos e sensibilizarmos independentemente de lugares e momentos específicos?

Voltemos ao trecho inicial: "em nosso campo doutrinário, precisamos, em verdade, do ESPIRITISMO e do ESPIRITUALISMO, mas, muito mais, de ESPIRITUALIDADE." (XAVIER, 2007, p. 9). Que possamos meditar sobre o uso que fazemos do *espiritismo* e sobre a forma como exercitamos ou vivenciamos a nossa *espiritualidade*.

REFERÊNCIAS

KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. 92. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2012.

XAVIER, Francisco Cândido. Nosso Lar. 59. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

Natureza, cultura, religião e espiritualidade[18]

Você já se perguntou o que é *natureza* e tentou responder de forma simples e direta? Nem sempre é tão rápido ou fácil definir conceitos e palavras e, por vezes, cada pessoa definirá de forma diferente. Para mim, *natureza* é tudo aquilo que não foi feito pelo ser humano: sol, água, rios, mares, ar, animais, plantas, solo, a vida. Nada disso têm origem humana. Na verdade, até o próprio ser humano é *natureza*, pois ele não deu origem a si mesmo. Biologicamente, somos frutos da evolução das espécies, que é um fenômeno natural e, por mais que nos reproduzamos, nós não demos origem a nós mesmos enquanto espécie; logo, também somos *natureza*.

Por outro lado, temos a *cultura*, que é tudo aquilo que foi feito pelo ser humano. Podemos dividir a *cultura* em material e imaterial. São objetos culturais materiais casas, ruas, cidades, roupas, celular, computador, ventilador, máquina de lavar, fogão, etc. E são *cultura* imaterial a culinária, a música, o idioma, o carnaval, samba, roda de capoeira, natal, páscoa, etc.

Além disso, diria que um dos grandes problemas em relação aos conceitos de *natureza* e *cultura* ocorre quando os confundimos e tomamos um pelo outro. Vou dar um exemplo. Do ponto de vista da *natureza*, o homem é superior à mulher? O negro é inferior ao branco? A

---

[18] Publicado originalmente em agosto de 2024 no Site https://www.sociedadeespiritasorella.com/ e em novembro de 2024 no Site https://ccepa.org.br/2024/11/16/natureza-cultura-religiao-e-espiritualidade/

orientação sexual define superioridade ou inferioridade? A resposta para todas essas perguntas é *não*. Entretanto, culturalmente, ou seja, a partir de algum momento, em algum lugar, pessoas começaram a pensar e a instituir que haveria hierarquia entre homens, mulheres, negros, brancos, heterossexuais, homossexuais, bissexuais, transsexuais, etc, criando assim, historicamente, o machismo, o racismo, a hoje chamada lgbtfobia e muitos outros tipos de diferenciações artificiais e violentas. O que ocorre é que – por ignorância, interesses variados, mau caratismo e crueldade ou por tudo isso junto – há pessoas e grupos que acreditam que hierarquia entre homens e mulheres, negros e brancos ou pessoas de orientações sexuais diferentes é algo que sempre existiu, que está na natureza, e não que foram criações perversas e totalmente equivocadas do próprio ser humano. Machismo, racismo, lgbtfobia, enormes desigualdades socioeconômicas, guerras, escravidão e exploração são todos produtos culturais, criações humanas. Nada disso está na *natureza*, nada disso é natural.

É importante ressaltar que tudo o que é *cultura* pode tanto ser construído quanto desconstruído ou transformado. Logo, é perfeitamente possível falarmos de uma *cultura* de equidade de gênero, de uma *cultura* de equidade racial, de uma *cultura* de respeito pela diversidade sexual, de uma *cultura* de compartilhamento e equidade socioeconômica, de uma *cultura* de justiça e paz, de uma *cultura* de cooperação – ao invés de exploração.

Feita essa distinção entre *natureza* e *cultura*, fica uma questão: *religião* é *cultura* ou *natureza*? Em outras

palavras: *religião* é ou não é uma criação humana? O fato é que, agradando ou não, a resposta é que a *religião* é uma criação humana e, portanto, não está na *natureza*. Catolicismo, protestantismo, islamismo, umbandismo, judaísmo e muitas outras têm locais e datas de fundação, ou seja, não existiram desde sempre. E como criações e instituições humanas, as religiões estão sujeitas a todas as contradições da humanidade: elas mesclam luzes e sombras, virtudes e lacunas, contribuições e prejuízos; podem auxiliar na libertação do ser humano, na construção de sua autonomia, mas também podem escravizá-lo; podem contribuir para um mundo mais justo, pacífico, fraterno, mas também podem estimular preconceitos, estereótipos, visões distorcidas e até mesmo violência. Podem mesmo auxiliar em alguns pontos e prejudicar em outros simultaneamente.

Logo, sendo a *religião* um elemento da *cultura*, proveniente do ser humano, ela precisa ser encarada de forma crítica também. Os livros chamados de sagrados foram escritos e organizados por mãos humanas e todo ser humano é limitado. Essas obras podem conter muitos ensinos, histórias e reflexões úteis, inspiradoras, belas, mas também elementos e ideias que são de outro contexto histórico, social, cultural e que na atualidade podem mesmo ser absurdos. Por isso, é preciso filtrar, com atenção, o que foi criado pelo ser humano e aproveitar o que for realmente superior e útil. Para isso, é necessária uma crítica saudável e madura. E, para além disso, uma *cultura* de diálogo, abertura e não dogmatismo.

Num contraponto à *religião*, temos a

espiritualidade. Para mim, *espiritualidade* seria qualquer sensação ou percepção no ser humano que transcende, de alguma forma, o estritamente material (conforme esclarecido no artigo anterior).

Para ficarmos com um exemplo da cristandade, Jesus, segundo é possível observar no Novo Testamento, vivencia a *espiritualidade* independentemente de lugares, pessoas ou situações específicas. É quando o amor e a humanização ultrapassam e rompem com a institucionalidade e o dogma.

Sendo assim, se a *religião* é *cultura*, logo obra humana, a *espiritualidade* me parece ser algo inerente ao próprio ser humano e, portanto, talvez mais vinculada à *natureza* do que à *cultura*. Dessa forma, a *espiritualidad*e seria um elemento da *natureza* no ser humano que é revestida pela *cultura* de diferentes formas em tempos e espaços diversos.

Que possamos nos conectar mais com esse elemento de *espiritualidade natural* em nós e encarar o revestimento *cultural* da *religião* de forma crítica – embora sem deixar de respeitá-la e compreender sua historicidade.

Por mais *espiritualidade* livre e aberta e menos *religião* dogmática e sectária.

II – POSSIBILIDADES DE CAMINHOS

Humanizando o Espiritismo e as pessoas[19]

O Espiritismo contou com grandes mentes e corações para que pudesse ser construído através de muita pesquisa, trabalho, reflexão e mesmo abnegação. É grande a lista de figuras públicas que, ao longo do último um século e meio, se destacaram e, consequentemente, se tornaram inspiração intelectual ou ética dentro do movimento espírita. Isso é natural em qualquer movimento filosófico, religioso ou social.

Entretanto, muitas vezes, em um gesto até certo ponto muito comum à humanidade, a admiração frequentemente se transforma em adoração, em mitificação, o que por sua vez considero bastante ruim e até mesmo perigoso, pois desumaniza aqueles que se destacam ou se tornam figuras públicas, podendo estimular a adoção de posturas acríticas perante estes.

Jamais podemos perder de vista a noção espírita de *evolução*[20]. Todas as pessoas que estão encarnadas na Terra estão em processo de evolução, ou seja, de amadurecimento intelecto-moral na direção da sabedoria, da sensibilização e de valores como o respeito, a não violência, a empatia, o altruísmo. Sendo assim, não se pode esquecer que mesmo grandes vultos do Espiritismo do passado ou do presente são seres em evolução, pessoas que podem ser brilhantes intelectualmente em algumas

---

[19] Publicado originalmente em agosto de 2022 na *Revista Reformador*, da FEB.

[20] Ver *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, em sua Parte Terceira, capítulo VIII, intitulado “Da lei do progresso”.

áreas, destacadas do ponto de vista ético, abnegadas em suas tarefas, mas ainda assim seres humanos, que podem se equivocar, que ignoram determinadas informações ou conhecimentos, que podem sentir insegurança, impaciência, medo, raiva, tristeza.

Penso que lançar esse olhar humanizante é não só saudável, mas mesmo fundamental para uma noção mais ampla e profunda do Espiritismo e da vida. Todo ser humano é limitado pelo tempo, pelo lugar, pela cultura e sociedade onde nasceu. É justamente por isso que, na perspectiva espírita, precisamos reencarnar, pois assim experimentamos múltiplas experiências e, dessa forma, expandimos nossa capacidade de pensar e de sentir.

Jamais podemos abrir mão de pensar criticamente. Entretanto, é também relevante expor o que aqui entendo por *crítica* e *pensamento crítico*. Quando é mencionado o termo *crítica*, tenho a impressão de que em boa parte das pessoas ele soa de forma negativa. Muitos parecem interpretar a *crítica* como sendo falar mal de alguém, de alguma ideia ou de algo. Entretanto, é justo apontar que a *crítica* vai muito além disso. Avalio que, antes de tudo, a *crítica* é, por exemplo, uma avaliação sobre alguma ideia.

Nossa avaliação sobre algo pode ser positiva ou negativa, pode concordar com alguns pontos e discordar de outros. E o mais importante: posso criticar determinada ideia sem necessariamente odiar ou marginalizar a pessoa que a emitiu. Posso criticar uma ideia e ser profundamente amigo de quem a formulou, mas, justamente por querer ver o melhor da pessoa a quem estimo, dou a minha

avaliação/crítica sobre o que ela pensa com o intuito de contribuir ou melhorar o máximo possível suas ideias.

Acredito que precisamos mais dessa perspectiva intelectual de *crítica*, passando a enxergá-la como algo muito positivo, desde que bem-intencionada, educada, respeitosa, fraterna e empática. Uma ideia ou pessoa que nunca é questionada tem fortes chances de ser extremamente frágil. A crítica, quando equilibrada e respeitosa, aprimora e refina as ideias.

Basta recorrermos ao esquema dialético, onde temos uma ideia A (tese) e uma ideia B (antítese) e, a partir do choque, do embate entre essas ideias, teremos uma ideia C (uma síntese, uma nova ideia ou perspectiva). Muitas vezes, quando somos confrontados por um novo ponto de vista de alguém, acabamos pensando diferente, podemos até mesmo mudar nossas conclusões e ideias ou simplesmente fortalecer um pouco mais o que já pensávamos.

Dessa forma, a crítica equilibrada às ideias pode ser muito saudável e importante para o amadurecimento pessoal, coletivo ou institucional. O próprio Kardec não se negava ao debate, à troca, à crítica de ideias. Na introdução da *Revista Espírita* de janeiro de 1858 ele escreve o seguinte:

> Nossa Revista será, assim, uma tribuna livre, em que a discussão jamais se afastará das normas da mais estrita conveniência. Numa

> palavra: discutiremos, mas não *disputaremos*. (KARDEC, sem data, p. 24)

Nesse periódico, ao longo de vários anos, Kardec deu vários exemplos dessa crítica sadia, sustentando debates, experimentando ideias, trocando, ouvindo, dialogando, elaborando e reelaborando.

Fazendo alusão à importância da avaliação racional e crítica, o Espírito Erasto, no item 230 de *O Livro dos Médiuns*, escreve o seguinte:

> Não admitais, portanto, senão o que seja, aos vossos olhos, de manifesta evidência. Desde que uma opinião nova venha a ser expendida, por pouco que vos pareça duvidosa, fazei-a passar pelo crisol da razão e da lógica e rejeitai desassombradamente o que a razão e o bom senso reprovarem. Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea. (KARDEC, 2013c, p. 246)

Essa era a postura de abertura e de debate que vigorava no Espiritismo nascente e que acredito mesmo ter sido fundamental para a sobrevivência e continuidade da doutrina na França do século XIX. Nessa perspectiva, afirmo com tranquilidade que absolutamente todo autor(a), médium, Espírito, tem que ser lido de forma crítica. O que não nos agrada, não devemos aceitar de forma passiva, mas sim criticar, raciocinar, conversar com outras pessoas

– sem jamais esquecer do princípio da caridade. Isso é fundamental. E essa era uma postura que figuras como Allan Kardec e Léon Denis sempre tiveram. Corrobora esse pensamento a frase que está inscrita na folha de rosto de *O Evangelho segundo o Espiritismo*: “fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.” (KARDEC, 2013b, sem página).

Além do mais, o próprio Kardec aponta, em *A Gênese*, esse caráter dinâmico e aberto do Espiritismo, que só é possível quando há esse ambiente de abertura e crítica sadia:

> Entendendo-se com todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de *verdades práticas* e abandonado o domínio da utopia, (...)
> *Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará*. (KARDEC, 2013a, p. 41-42)

É importante apontar que outro possível efeito da desumanização dos grandes vultos do Espiritismo é que podemos vir a criar pressão desproporcional sobre as pessoas, como se todos tivessem que agir exatamente igual aos nomes que se destacaram publicamente. Isso pode

criar, inconscientemente, padrões que não conseguimos atingir e que, por sua vez, podem ser geradores de culpa e desânimo. Nesse sentido, acredito que um olhar humanizante para essas figuras pode nos aproximar delas, motivando-nos e fortalecendo-nos.

Sobre esse ponto, há uma citação do Pastor Henrique Vieira em que ele escreve o seguinte:

> O exercício do amor não significa que nos tornaremos seres ideais, com pensamentos puros e atitudes boas o tempo inteiro. É ingenuidade pensar assim, e é perigoso também, porque estabelece uma demanda da qual ninguém dá conta, e, da frustração, nascem a culpa e a permanente insatisfação. O amor não nos maquiniza ou programa para ações sempre ajustadas e perfeitas. Ele não nos imuniza dos conflitos, não nos faz pairar sobre a história. Continuamos sendo precários, finitos, contraditórios e vulcânicos em nossos sentimentos e ações. Qualquer visão que exclua essa realidade tende a pesar demais. Somos demasiada e fantasticamente humanos, e o amor não suprime ou supera essas tensões de nossa existência. Há dias que são ruins, em que estamos mais estressados e intolerantes, que não conseguimos agir de maneira mais justa e adequada. (VIEIRA, 2019, p. 42)

Ainda no mesmo sentido, o médico e espírita brasileiro Sergio Lopes acrescenta:

> Muita gente confunde crescimento espiritual com sacrifícios penosos, ou mesmo sofrimentos voluntários que, muitas das vezes, se dão mais porque a própria pessoa não procura recursos.
> Há pessoas, bem intencionadas, diga-se de passagem, mas que resolveram virar *santos* rapidamente. Querem alcançar uma evolução impossível da noite para o dia. No entanto, o que a humanidade está precisando não é de indivíduos *super-humanos*, mas de *seres humanos* apenas. Pessoas capazes de serem melhores no seu dia a dia, indivíduos comuns, sem afetação, mas com o propósito de uma vida mais ética. (LOPES, 2007, p. 86)

Além disso, a mitificação de indivíduos também pode vir a ser uma grande geradora de decepções, porque se coloco todas as fichas de confiança e fé num palestrante e mais cedo ou mais tarde este comete algum equívoco – o que até certo ponto é natural, pois é um ser em evolução –, posso me decepcionar com o Espiritismo por achar que aquela pessoa era o Espiritismo. Ter referências é importante, mas é também necessário nos apegarmos com ideias e ideais, e não apenas com pessoas, que são todas falíveis em certa medida no estado atual da Terra.

Por fim, a mitificação de nomes e indivíduos gera muita pressão sobre os próprios autores, autoras, médiuns, palestrantes, aumentando ainda mais seus desafios e tribulações, além de estimular-lhes, inconscientemente ou

conscientemente, orgulho, vaidade. Nessa perspectiva, a mitificação seria ainda uma falta de caridade[21].

Que possamos nos relacionar com o Espiritismo de forma aberta, dialógica, generosa e que este possa ser uma ferramenta para nos estimular um olhar humanizante, acolhedor, crítico e fraterno ao mesmo tempo, a exemplo do que Kardec fez durante sua trajetória de pesquisa e sistematização da doutrina.

REFERÊNCIAS

KARDEC, Allan. A Gênese [tradução de Guillon Ribeiro da 5a ed. francesa]. 53. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013a.

KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo [tradução de Guillon Ribeiro da 3. ed. francesa, revista, corrigida e modificada pelo autor em 1866]. 131. ed. 2. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2013b.

KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns, ou, guia dos médiuns e dos evocadores: Espiritismo experimental [tradução de Guillon Ribeiro a partir da 49a edição francesa de 1861]. 81. ed. 1. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2013c.

KARDEC, Allan. Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos 1858 [tradução de Evandro Noleto Bezerra]. Brasília: Federação Espírita Brasileira. Disponível em: https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1858.pdf Acesso em 26 jan 2022.

LOPES, Sergio Luis da Silva. Leis Morais e Saúde Mental: Um Estudo da Terceira Parte de O Livro dos Espíritos. 7. ed. Porto Alegre: Francisco Spinelli, 2007.

SOLER, Amália Domingo. Memórias do Padre Germano. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1980.

VIEIRA, Henrique. O Amor como Revolução. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

---

[21] Recomendo aqui a leitura da obra *Memórias do Padre Germano*, editada pela FEB, e de autoria de Amália Domingo Soler. Neste livro, o personagem principal – Germano – dá variados exemplos de uma postura humanizante.

A importância da diversidade para o Espiritismo e para a vida[22]

A diversidade é fundamental tanto para a natureza quanto para o ser humano. O corpo físico precisa de diversos nutrientes para manter-se saudável; o ar atmosférico necessita de um equilíbrio de diferentes gases para que o ser humano sobreviva na superfície do planeta; um indivíduo precisa conviver com pessoas de variadas faixas etárias, gêneros, etnias, classes sociais, culturas para que possa desenvolver-se plenamente; uma escola requer docentes de múltiplas disciplinas para cumprir sua função de formação dos indivíduos.

No caso do ser humano, é no contato respeitoso com quem pensa, sente e percebe o mundo de forma diversa que nos aprimoramos e desenvolvemos, tanto aprendendo coisas novas quanto ressignificando antigas ideias.

No caso das instituições, a diversidade as fortalece e impulsiona. Deliberações construídas de forma democrática tendem a ser melhores. Ouvir diferentes opiniões de pessoas distintas auxilia a tomar decisões mais ponderadas e seguras.

No caso do Espiritismo, afirmo com segurança que ele não teria sido desenvolvido enquanto campo do conhecimento por Allan Kardec, na França do século XIX, sem a presença da diversidade em múltiplas dimensões.

Se o fenômeno dos *raps* ou das *mesas girantes* não

---

[22] Publicado originalmente em maio de 2023 na *Revista Reformador*, da FEB.

tivesse se espalhado e sido praticado em larga escala, a atenção de estudiosos e pesquisadores não teria sido chamada a analisá-los de forma atenta.

Se não houvesse uma multiplicidade de médiuns e colaboradores disponíveis, Kardec jamais teria sido capaz de aprofundar a investigação acerca dos fenômenos que passaram a ser chamados de espíritas.

A própria premissa e método que Kardec adotou para investigar os fenômenos espíritas considera a diversidade como elemento imprescindível:

> Um dos primeiros resultados das minhas observações foi que os Espíritos, não sendo senão as almas dos homens, não tinham nem a soberana sabedoria, nem a soberana ciência; que o seu saber era limitado ao grau do seu adiantamento, e que a sua opinião não tinha senão o valor de uma opinião pessoal. Esta verdade, reconhecida desde o começo, evitou-me o grave escolho de crer na sua infalibilidade e preservou-me de formular teorias prematuras sobre a opinião de um só ou de alguns. (...)
> Cedo, observei que cada Espírito, em razão de sua posição pessoal e de seus conhecimentos, desvendava-me uma fase desse mundo, exatamente como se chega a conhecer o estado de um país interrogando os habitantes de todas as classes e condições, podendo cada qual nos ensinar alguma coisa e nenhum deles podendo, individualmente, ensinar-nos tudo. Cumpre ao observador formar o conjunto, com o auxílio dos documentos recolhidos de diferentes lados,

> colecionados, coordenados e confrontados entre si. Eu, pois, agi com os Espíritos como o teria feito com os homens: eles foram, para mim, desde o menor até o mais elevado, meios de colher informações, e não *reveladores predestinados*. (SAUSSE, 2013, p. 13-14)

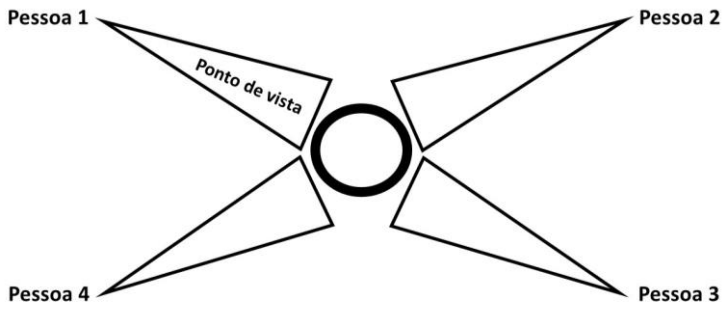
Dessa forma, a *universalidade do ensino dos Espíritos* é proposta como método para construção do arcabouço teórico do Espiritismo:

> A concordância no que ensinem os Espíritos é, pois, a melhor comprovação. Importa, no entanto, que ela se dê em determinadas condições. A mais fraca de todas ocorre quando um médium, a sós, interroga muitos Espíritos acerca de um ponto duvidoso. É evidente que, se ele estiver sob o império de uma obsessão, ou lidando com um Espírito mistificador, este lhe pode dizer a mesma coisa sob diferentes nomes. Tampouco garantia alguma suficiente haverá na conformidade que apresente o que se possa obter por diversos médiuns, num mesmo Centro, porque podem estar todos sob a mesma influência.
>
> *Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares.*
>
> Vê-se bem que não se trata aqui das comunicações referentes a interesses

> secundários, mas do que respeita aos princípios mesmos da doutrina. (KARDEC, 2013, p. 22)

Como é possível identificar, sem trabalho coletivo e cooperação entre pessoas diferentes – encarnados e desencarnados – não há Espiritismo.

Acredito que recorrendo ao uso de uma figura, seja possível aprofundar e explicitar de forma mais didática a relevância da soma de diferentes pontos de vista.



Suponha-se que há uma sala com um objeto redondo posicionado em seu centro. Dentro desta sala há quatro pessoas diferentes, situadas em posições diversas do cômodo. Cada um dos indivíduos enxerga apenas um pedaço do objeto no centro, de forma que nenhum o enxerga em sua totalidade. Dessa forma, cada indivíduo detém apenas um ponto de vista. Entretanto, se houver diálogo entre os diferentes indivíduos na sala, somando o ponto de vista de cada um será possível chegar a um

conhecimento maior do objeto.

Assim é na vida. Nenhum ser humano é capaz de apreender a totalidade, mas é possível somar diferentes percepções para aumentar um pouco a capacidade de compreensão da realidade.

Dessa forma também é em relação ao mundo espiritual. Nenhum médium ou Espírito tem capacidade ilimitada de percepção. Na verdade, individualmente, somos todos muito limitados, mas por meio da diversidade e da interação é possível construir conhecimento de forma mais ampla.

É essencial que nossa relação com o Espiritismo siga essa mesma lógica. Por isso, o tanto quanto possível, é importante não se ater somente a conteúdos espíritas. Yvonne Pereira, há algumas décadas, já alertava para isso:

> Há ocasiões em que meus guias me recomendam ler obras profanas de todos os tipos, desde que esclareçam e edifiquem a mente. Atermo-nos somente à literatura espírita será exclusivismo que limitará a nossa ação em favor da própria doutrina que defendemos. (PEREIRA, 2013, p. 91)

Há inúmeros conteúdos não espíritas, nos mais diversos tipos de mídias, que podem nos enobrecer ou acrescentar intelectualmente e moralmente. Inúmeros filósofos, cientistas, religiosos ou autores fora do Espiritismo possuem obras de valor. Notícias de um jornal, programas de rádio, podcasts, séries, filmes, revistas, uma conversa na rua. Todos esses são meios de nos

enriquecermos, aprendermos, exercitarmos nossa capacidade crítica.

Espiritismo não é um conhecimento final e superior, mas sim uma lente, um recurso a mais, para observarmos a realidade sob uma perspectiva espiritualista. Pode ser uma ferramenta de consolo, de fé, de esperança, de aprimoramento íntimo. Mas para compreender bem o Espiritismo é necessário não se prender somente a ele. Diversidade, com equilíbrio, melhora a nossa própria percepção e relação com o Espiritismo.

Por fim, a própria doutrina aponta para a necessidade de a diversidade atravessar nossas vidas, enriquecendo experiências. Num olhar espírita, a evolução no rumo do amor, da sabedoria e, consequentemente, da felicidade, é a finalidade de nossa existência. Entretanto, como uma única encarnação não é o suficiente para amadurecermos de forma profunda e abrangente, retornamos, em diversas encarnações, em novos e variados contextos geográficos, históricos, culturais, religiosos. Utilizamos corpos, identidades étnico-raciais ou classes sociais diferentes. Tudo isso com o objetivo de, por meio de experiências múltiplas, nos refinarmos espiritualmente, superando preconceitos, limitações, ódios.

Vida e Espiritismo se movem na diversidade e precisam dela para pulsar e se elevar. Sempre.

REFERÊNCIAS

KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo. 131. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2013.

PEREIRA, Yvonne. Pelos caminhos da mediunidade serena. 3. ed. Bragança Paulista: Instituto Lachatre, 2013.
SAUSSE, Henri. Biografia de Allan Kardec. In: KARDEC, Allan. O que é o Espiritismo. 56. ed. Brasília: FEB, 2013.

Lentes: reflexões sobre o exercício da empatia e do diálogo[23]

Todo ser humano está imerso em um contexto histórico-geográfico, ou seja, nasce e vive em um tempo e em lugares específicos na superfície da Terra, estando sujeito à influência cultural desse tempo-espaço.

Todo ser humano está também inserido em uma realidade biopsicossocial, ou seja, tem um corpo biológico, identidade de gênero e orientação sexual específicos; possui uma personalidade, desejos, sonhos, medos, talentos; e tem uma realidade social e econômica na qual vive e o influencia.

Para além dessa dimensão material há, também, em uma perspectiva espírita, o Espírito: força inteligente e imortal que já viveu em diversos contextos histórico-geográficos e esteve inserido em diferentes realidades biopsicossociais, acumulando experiências, aprendizados e afetos.

Dessa forma, cada pessoa é única, singular e complexa, carregando experiências e formas de perceber o mundo e a vida que são só suas. É como se todo indivíduo tivesse uma lente pela qual enxergasse a vida e essa lente fosse formada por todo o contexto histórico-geográfico em que vive e realidade biopsicossocial em que está inserido – e, numa visão espírita, soma-se a isso os contextos, realidades e experiências vividas em encarnações passadas.

---

[23] Publicado originalmente em outubro de 2023 na *Revue Spirite*, do Conselho Espírita Internacional.

Sendo assim, é como se todo indivíduo fosse dotado de uma lente única com a qual olha para o mundo e se relaciona com ele. Se essa lente é esverdeada, tudo o que o indivíduo enxerga é dotado desse matiz verde; se é azulada, adquire o matiz azul, e assim por diante. Embora todos os seres humanos convivam e se relacionem num mesmo mundo, cada um o percebe de forma única.

Essa diversidade de cada um é, ao mesmo tempo, *desafio* e *possibilidade*. *Desafio* porque conviver com muitas formas diferentes de perceber e se relacionar gera muitas tensões e disputas. *Possibilidade* porque a soma de diversas percepções e conhecimentos gera uma riqueza muito grande, permitindo irmos além de nossas limitações individuais.

A questão é: como superar os *desafios* e usufruir das *possibilidades* da diversidade humana?

Não sei se há somente uma resposta para isso, mas talvez a palavra *diálogo*[24] seja uma delas. Conversar, trocar, falar, silenciar e ouvir. Interagir de forma aberta e respeitosa com o outro. A prática do *diálogo* pode permitir uma tentativa de conexão entre essas formas diversas de enxergar o mundo e a vida. *Dialogar* pode nos permitir compreender como é a lente pela qual o outro vê o mundo e como essa lente foi construída.

Entretanto, num mundo globalizado, permeado pelas telas (smartphones, computadores, etc.), pela

---

[24] Aponto aqui que o diálogo só é possível quando há respeito mútuo, boa vontade e boa-fé, com disposição sincera de ouvir e trocar com o outro. Se um interlocutor não cumpre com esses requisitos, o diálogo pode não ser possível ou, se realizado, improdutivo.

internet, pela pressa e pela produtividade, *dialogar* tem sido cada vez mais difícil. As pessoas mal se olham nos olhos, mal escutam umas às outras. Às vezes mal percebem o que estão sentindo, as emoções e sentimentos que vivenciam. Há na civilização capitalista e materialista atual uma imensa dificuldade de conexão consigo mesmo e com o outro. Rubem Alves já identificava e expressava isso tempos atrás:

> Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de escutatória. Todo mundo quer aprender a falar. Ninguém quer aprender a ouvir. Pensei em oferecer um curso de escutatória. Mas acho que ninguém vai se matricular. (...)
> Parafraseio o Alberto Caeiro: "Não é bastante ter ouvidos para se ouvir o que é dito. É preciso também que haja silêncio dentro da alma." Daí a dificuldade: a gente não aguenta ouvir o que o outro diz sem logo dar um palpite melhor, sem misturar o que ele diz com aquilo que a gente tem a dizer. Como se aquilo que ele diz não fosse digno de descansada consideração e precisasse ser complementado por aquilo que a gente tem a dizer, que é muito melhor. (...)
> Nossa incapacidade de ouvir é a manifestação mais constante e sutil da nossa arrogância e vaidade: no fundo, somos os mais bonitos… (ALVES, 2011, p. 65-71)[25]

[25] Recomendo a leitura integral da crônica intitulada "Escutatória", de autoria de Rubem Alves e presente no livro intitulado "O amor que

Talvez, uma das necessidades mais prementes da humanidade no contexto histórico em que vivemos seja a capacidade de, sem abrir mão de quem você é e da sua própria lente, ser capaz de tentar descentrar-se e colocar-se no lugar do outro, para tentar enxergar a vida com a lente com a qual o outro a enxerga. É desenvolver uma habilidade de empatizar com o outro, de entender por que ele é como é e enxerga a vida como enxerga. O que ele passou para que sua lente seja como é? O que posso ensinar a ele e o que posso aprender com ele? O que temos em comum? Quais são seus sonhos, medos, habilidades, virtudes?

O autoconhecimento, o diálogo e a empatia, talvez sejam elementos e práticas com capacidade para tornar a sociedade menos violenta, mais empática, menos desigual socialmente. Para isso, no entanto, é necessário boa vontade, humildade, respeito – pois não há diálogo sem respeito –, esforço. E quão poucas pessoas hoje em dia reúnem esses pré-requisitos.

É por meio do diálogo verdadeiro que conseguimos aprender através das experiências do outro e que temos contato com relatos de coisas que talvez jamais vamos vivenciar. Nessa prática de troca e relação sincera e respeitosa, talvez aprofundemos o conhecimento sobre nós mesmos. Nesse exercício de compreender e enxergar por diferentes lentes, talvez nos engrandeçamos. Enfim, talvez dialogando venhamos a construir um mundo melhor.

---

acende a lua”. Ressalto apenas a necessidade de atenção, pois na internet há muitas versões incompletas dessa crônica.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. O amor que acende a lua. 15. ed. Campinas: Papirus, 2011.

O que é a caridade? Uma proposta de olhar[26]

Quando o termo *Espiritismo* é mencionado, qual será a primeira ideia que vem à mente das pessoas? Em minha percepção pessoal, avalio que atualmente, no Brasil, a palavra *caridade* seria, provavelmente, um dos termos mais citados.

Acredito ser de fácil acordo que a ideia de caridade tem um profundo valor para o Espiritismo e para o movimento espírita, tanto na França do século XIX, quanto no Brasil dos séculos XX e XXI. O lema *fora da caridade não há salvação*, presente na obra *O Evangelho segundo o Espiritismo*, se constitui em uma verdadeira bandeira para os espíritas. *Fazer caridade* seria como um pilar da ética espírita, um elemento central no sistema de valores da doutrina.

Entretanto, avalio que é sempre um exercício filosófico importante pensarmos e definirmos claramente o que cada palavra significa exatamente ou como nos apropriamos dela. E para esse exercício é fundamental saber questionar. Perguntar – sem receio ou vergonha – é um ato imprescindível para avançar na compreensão, na elaboração e reelaboração das ideias. A obra fundante da filosofia espírita é *O Livro dos Espíritos*, produto do diálogo entre encarnados e desencarnados, proporcionado a partir dos mais diversos tipos de perguntas e questionamentos por parte de Allan Kardec. Uma boa pergunta é capaz de alavancar e estimular inumeráveis

[26] Publicado originalmente em abril de 2023 na *Revue Spirite*, do Conselho Espírita Internacional.

raciocínios, reflexões e percepções.

A partir disso – sem pretensões de dar conta de tudo – é possível questionar: em que consiste a caridade? O que não é caridade? Quais elementos são necessários para classificar uma atitude ou postura como caridosa? A caridade é importante? Por quê? Penso que esses questionamentos são relevantes porque, dependendo do que concebemos por caridade, nossas posturas e visões de mundo podem ter rumos e efeitos bastante diferentes. Consultando o dicionário, encontra-se a seguinte definição para o termo caridade:

> 1 TEOL Qualidade moral e espiritual que leva ao amor a Deus e ao próximo; 2 Amor ao próximo, que consiste em ajudar os desvalidos;
> 3 Ajuda ou donativo que se dá aos pobres; esmola;
> 4 Compaixão em relação a alguém que se encontra em situação difícil; benevolência. (MICHAELIS, 2022)

Basicamente, há a ideia de ajuda material ou de compaixão em relação a alguém que se encontra em necessidade material ou sofrimento. Acredito que essa é, talvez, a percepção mais comum em grande parte das pessoas. Concebe-se a caridade como uma doação financeira a uma instituição que acolhe idosos; como a entrega de alimentos ou roupas para quem está em situação de rua; como o envio de cestas básicas para famílias que foram afetadas por algum desastre natural; como dar dinheiro para uma criança que está vendendo

balas no sinal de trânsito.

Nenhuma dessas ações mencionadas acima é ruim em si. Todas, de alguma forma, visam ajudar indivíduos que estão passando por situações de dificuldade e têm sua cota de utilidade, atendendo temporariamente a alguma necessidade de alguém que sofre. Antes isso do que não fazer nada e permanecer totalmente indiferente[27]. Entretanto, cabe continuar questionando: será que caridade é apenas isso? É apenas ter esses gestos quando surgem demandas para ajuda e estaremos salvos do ponto de vista espiritual? Será que esse tipo de caridade por si só constrói um mundo mais justo socialmente, menos violento, menos desigual?

Se caridade se reduzir apenas a gestos de ajuda pontual – que podem até ser feitos de má vontade e mesmo sem amor, em algumas situações –, o Espiritismo perde bastante potência moral e relevância social.

Pessoalmente, gosto de encarar a caridade sob uma outra perspectiva. Esta seria o amor em movimento. E o amor é, em essência, desejar, agir e felicitar-se pelo bem do outro. Sendo assim, para mim a caridade seria o exercício do amor, assumindo as mais diversas possibilidades. A caridade, dessa forma, não ficaria restrita

---

[27] Vale a pena apontar que mesmo o indivíduo que entende a caridade como essas atitudes pontuais de compaixão ou auxílio, ainda assim se beneficia de alguma forma, pois muitas vezes é estimulado a começar a prestar atenção à dor, à miséria, às desigualdades e, com isso, pode vir a se sensibilizar, a pensar em aspectos da vida e da sociedade que antes não havia pensado, pode mesmo modificar-se em algumas atitudes e pensamentos e tornar-se alguém um pouco mais sensível, humanista e ético.

a gestos, ações pontuais ou trabalhos voluntários apenas, mas antes seria uma forma de ver e de se relacionar com o mundo onde o respeito, a não violência, a empatia e o altruísmo seriam os valores centrais.[28]

Dessa forma, exercer o meu trabalho profissional de forma honesta, buscando me relacionar de forma humanista e ética seria caridade; ouvir e acolher um(a) amigo(a) que precisa desabafar, chorar junto e apoiá-lo(a) em seu reerguimento seria caridade; tratar meus familiares e aqueles que convivem comigo com educação, gentileza, como gostaria que me tratassem, seria caridade; ser um pai

---

[28] Cabe apontar que o próprio Kardec também discutiu, no primeiro artigo da *Revista Espírita* de Dezembro de 1868, sobre diferentes acepções do termo *caridade*: "A caridade é a alma do Espiritismo; ela resume todos os deveres do homem para consigo mesmo e para com os seus semelhantes, razão por que se pode dizer que não há verdadeiro espírita sem caridade.

Mas a caridade é ainda uma dessas palavras de sentido múltiplo, cujo inteiro alcance deve ser bem compreendido; e se os Espíritos não cessam de pregá-la e defini-la, é que, provavelmente, reconhecem que isto ainda é necessário.

O campo da caridade é muito vasto; compreende duas grandes divisões que, em falta de termos especiais, podem designar-se pelas expressões *Caridade beneficente* e *caridade benevolente*.

Compreende-se facilmente a primeira, que é naturalmente proporcional aos recursos materiais de que se dispõe; mas a segunda está ao alcance de todos, do mais pobre como do mais rico. Se a beneficência é forçosamente limitada, nada além da vontade poderia estabelecer limites à benevolência.

O que é preciso, então, para praticar a caridade benevolente? Amar ao próximo como a si mesmo. Ora, se se amar ao próximo tanto quanto a si, amar-se-o-á muito; agir-se-á para com outrem como se quereria que os outros agissem para conosco; não se quererá nem se fará mal a ninguém, porque não quereríamos que no-lo fizessem." (KARDEC, sem data, p. 492-493)

ou mãe presente, acolhedor e amoroso seria caridade; agir para extinguir a cultura de machismo e de violência contra a mulher seria caridade; combater qualquer tipo de racismo seria caridade; lutar contra a lgbtfobia seria caridade; atuar pela redução das desigualdades sociais seria caridade; agir politicamente e socialmente por mais democracia e inclusão seria caridade; trabalhar pela preservação do meio ambiente e pelo respeito a todas as formas de vida seria caridade; acabar – por meio da não violência – com todas as formas de exploração, opressão e violência seria caridade.

Em minha perspectiva, justiça social é também caridade[29]. Avalio como um apequenamento do Espiritismo encararmos a caridade apenas como gestos pontuais, de forma dissociada das questões macroestruturais da sociedade. Não gosto de encarar a caridade como uma espécie de favor, mas sim como um ato de amor nas suas múltiplas expressões. A caridade não deve ser somente um dia que reservamos para atuar em um voluntariado; ela deve ser uma forma de olhar, sentir, agir e se relacionar com a vida, as pessoas e a sociedade.

A caridade na primeira acepção que aqui foi apresentada tem efeitos positivos, mas limitados, sem

---

[29] Entendo aqui que justiça social consistiria em: todas as pessoas terem a oportunidade de ter um trabalho e moradia em condições dignas; possuírem acesso a alimentação de qualidade, serviços de saúde, educação, segurança e lazer; disporem da possibilidade de desenvolver da forma mais plena possível todos os seus potenciais e capacidades.
Promover justiça social seria respeitar e promover os direitos humanos conforme encontramos na carta da ONU (Ver Declaração Universal dos Direitos Humanos).

chegar nas questões e problemas centrais da sociedade. Além disso, essa concepção muitas vezes pode acabar, mesmo que inconscientemente, estimulando a alienação ou a acomodação. Já a segunda concepção de caridade é ampla e tem potencial para alterar o estado das coisas, operando modificações mais profundas na direção da construção de um mundo onde não exista fome, violência, opressão, exploração.

Em *O Livro dos Espíritos* há clareza por parte destes acerca da indiferença:

> **642.** *Para agradar a Deus e assegurar a sua posição futura, bastará que o homem não pratique o mal?*
> "Não; cumpre-lhe fazer o bem no limite de suas forças, porquanto responderá por todo mal *que haja resultado de não haver praticado o bem*." (KARDEC, 2012, p. 387)

Ainda na mesma obra, os Espíritos e Kardec apontam para uma concepção de caridade ampla, profunda:

> **886.** *Qual o verdadeiro sentido da palavra* caridade, *como a entendia Jesus?*
> "Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas."
> O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível e que desejáramos

> nos fosse feito. Tal o sentido destas palavras de Jesus: *Amai-vos uns aos outros como irmãos*.
> A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola, abrange todas as relações em que nos achamos com os nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais, ou nossos superiores. (...) (KARDEC, 2012, p. 497)

Percebe-se na questão acima que os Espíritos não indicam nenhum ato estritamente material como sendo caridade: "Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas" são todos atos e posturas que independem de recursos materiais e, em certa medida, estão acessíveis a todas as pessoas de boa vontade, independentemente de suas crenças, culturas ou religiões.

Kardec (2005, p. 86) afirma em sua viagem de 1862 pela França que "*sem a caridade, não há instituição humana estável*; (...)". Ou seja, sem essa mentalidade de respeito, não violência, empatia e altruísmo, as relações humanas, políticas, sociais e institucionais não possuem estabilidade, seriam como a casa construída sobre a areia, a que Jesus se refere em uma de suas falas[30].

Além do mais, cabe apontar que, em minha percepção, a caridade não consiste em colocar o amor em movimento apenas em relação ao próximo, mas também em relação a nós mesmos. Caridade seria também cuidarmos de nós mesmos física e psicologicamente, respeitarmos nossos limites, praticarmos autoamor,

---

[30] *Evangelho de Mateus*, capítulo 7, versículo 24.

autocuidado. Cabe lembrar que o princípio do *amar ao próximo como a si mesmo* é uma via de mão dupla, pois para fazer o amor circular para o outro, eu também preciso estar bem. Como dar luz a alguém se eu mesmo estou, no momento, em sombras? Há situações em que precisamos receber afeto e acolhimento. É necessário que o amor seja projetado para nós e para os outros para que possa haver equilíbrio, saúde.

Cabe também lembrar que o amor é construção gradual, esforço e plantio, não apenas dom gratuito, fácil, rápido. Henrique Vieira aponta que:

> O amor não é destino, sorte e não pode ser uma idealização, é acima de tudo um caminho que se percorre, uma decisão e uma forma de viver. Pensar o amor como caminho é pensar o amor como atitude, construção artesanal, fazer diário. Ele deve se manifestar concretamente em nosso dia a dia. (VIEIRA, 2019, p. 41)

Por fim, mas não menos importante, julgo que ninguém tem o direito de impor ideias e atitudes aos outros. Eu não tenho o direito de impor a minha visão de caridade aos outros como se eu estivesse com toda a razão – pois isso seria também falta de caridade. Cada um tem seu momento, suas demandas, seus contextos e, por vezes, querer impor ao outro o que me faz bem pode ser desastroso. Dessa forma, é muito importante saber respeitar, dialogar, ouvir de forma saudável, equilibrada, sem violência. Afinal, isso também é movimentar amor, o que, por sua vez, é também caridade.

REFERÊNCIAS

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos: princípios da Doutrina Espírita* [tradução de Guillon Ribeiro]. 92. ed. 2. Reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2012.

KARDEC, Allan. *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos* 1867 [tradução de Evandro Noleto Bezerra]. Brasília: Federação Espírita Brasileira. Sem data.

KARDEC, Allan. *Viagem Espírita em 1862 e outras viagens de Allan Kardec* [tradução de Evandro Noleto Bezerra]. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

MICHAELIS. *Dicionário*. Verbete "caridade". Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/caridade/> Acesso em 27 jan 2022.

VIEIRA, Henrique. *O Amor como Revolução*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

Humanidade[31]

O ser humano é uma espécie singular porque, dotada de consciência de si mesma, de razão e afetividade, é capaz de criar, refletir, construir, planejar, fazer arte, ciência, filosofia e política. Pode amar de uma forma tão profunda que tem o poder de mudar a sua própria vida e impactar a de muitos outros indivíduos. É o único ser vivo no planeta Terra que tem anseio de transcendência, de ampliar-se, de ser mais e melhor. Modifica-se ao longo do tempo, aprende, ressignifica, não permanece estático.

Entretanto, junto a essas imensas potencialidades, carregamos, simultaneamente, inúmeras limitações e/ou necessidades de diversos matizes. Necessitamos nos alimentar adequadamente e ingerir água potável várias vezes ao dia, excretando ambos por meio de fezes, urina e suor. Precisamos nos higienizar adequadamente, limpando diariamente pele, boca, corpo e também mantendo a limpeza do local em que habitamos e de utensílios e roupas que utilizamos. Se a temperatura é muito elevada ou muito baixa, há desconforto e limitações fisiológicas, podendo levar à morte. Se o ambiente é excessivamente úmido ou seco, também há prejuízos. Além disso, há situações em que agentes externos ou falhas do nosso próprio corpo podem nos deixar doentes – temporária ou permanentemente. Para além da manutenção da saúde física, há a saúde psíquica, pois não conseguimos viver bem sem afeto, relações ou ocupações saudáveis.

[31] Publicado originalmente em maio de 2024 na *Revista Reformador*, da FEB.

Situações de violência, desrespeito e insegurança nos desestabilizam seriamente, podendo deixar marcas e consequências por longo tempo.

Nossas capacidades intelectuais e afetivas nos lembram de que carregamos um fragmento da divindade em nós, mas nosso corpo animal-material nos lembra das nossas limitações, precariedades, vulnerabilidades e de que, por isso, precisamos ser humildes.

Apesar disso, a humildade é uma virtude, uma conquista frequentemente mal compreendida. Não consiste em se rebaixar, diminuir, humilhar, não é sinônimo de carência de recursos materiais. Humildade é, antes, ter a capacidade de identificar limitações em si mesmo e modificá-las o quanto possível, estar aberto para ouvir e aprender, ter a consciência de que sempre mais desconhecemos do que sabemos. É saber quais são as nossas potencialidades e quais são as nossas lacunas, o que conseguimos ou não. Humildade está relacionada ao autoconhecimento.

A ausência de humildade distorce a percepção do indivíduo em relação a si e aos outros, afastando-o de pessoas, fragilizando-o intelectualmente e atrasando o próprio desenvolvimento pessoal na medida em que não o permite identificar suas lacunas e/ou fraquezas. Em compensação, o cultivo e exercício da humildade favorece uma percepção mais clara da realidade, abrindo sua consciência para um aprendizado, evolução e amadurecimento constantes.

Junto a nossas potencialidades, vulnerabilidades e a necessidade da humildade, também é preciso apontar

que absolutamente nenhum ser humano é totalmente independente. Durante a fase em que somos gestados e em nossa infância, somos totalmente dependentes de uma imensidade de cuidados para a nossa sobrevivência. Na velhice, podemos ter limitações físicas e necessitar da ajuda de outras pessoas. Mesmo na idade adulta, por alguma questão de saúde ou financeira, podemos ter que recorrer ao auxílio de terceiros. Para chegarmos vivos e saudáveis à idade adulta, uma quantidade inumerável de mentes e corações teve que nos doar esforço, tempo e cuidado. Cada vida é produto de muito trabalho e esforço coletivo – e por isso precisamos valorizá-la.

Num olhar espírita, admitimos que a consciência sobrevive à morte do corpo físico e está somente de passagem pelo mundo material, com a tarefa de adquirir experiências, melhorar-se e melhorar o mundo, suas instituições, sociedades, tornando-se e tornando-as mais justas, sensíveis, generosas. Nessa perspectiva, sabemos também que todas as nossas ações têm repercussões, que somos dotados de responsabilidade por tudo o que fazemos – ou deixamos de fazer –, que há uma Força superior que criou o universo e a vida e que a sustenta. Sabemos que o amor, em seu sentido mais profundo, é o que nos aproxima dessa força, da divindade.

Por sua vez, o egoísmo, a insensibilidade, a violência, o preconceito, machucam e limitam primeiramente a nós mesmos e, em seguida, a todos aqueles que convivem conosco. Essas posturas maculam e desrespeitam a vida e, concomitantemente, todos que contribuíram para que ela se desenvolvesse. Quando um

indivíduo comete uma injustiça, trata mal ou violenta alguém, ele está, indiretamente, ferindo toda uma coletividade. Entretanto, quando somos justos, empáticos, sensíveis e altruístas, não o estamos sendo somente a um indivíduo, mas a todos que direta e indiretamente estiveram ou estão presentes na vida deste.

Que possamos enxergar a vida como algo sagrado, como a soma e resultado de múltiplos afetos, esforços e cuidados. Que a ciência de nossas limitações e precariedades nos estimule a uma maior simplicidade e humildade. Que possamos valorizar cada oportunidade de nossa vida, a saúde, os afetos, aqueles que contribuíram para que estejamos vivos. Que essa postura de reverência pela vida nos impulsione a construir uma sociedade consciente, crítica, justa, sem exploração, abusos, fome ou violências.

III – A CASA ESPÍRITA

A casa espírita: relevância, possibilidades e apontamentos[32]

O Espiritismo é, ao meu ver, um campo do conhecimento – ainda muito inexplorado –, uma filosofia espiritualista e um estímulo a uma religiosidade livre, aberta e autônoma.

Enquanto campo do conhecimento, busca investigar e compreender as relações entre os espíritos e os homens. Enquanto filosofia espiritualista, o Espiritismo questiona sobre o que está para além do estritamente material, refletindo sobre as consequências da imortalidade da alma e das relações entre os Espíritos e os homens. A partir dos seus conceitos principais (mediunidade, Espírito, Deus, evolução e reencarnação) e de sua ética, o Espiritismo pode estimular religiosidade, ou seja, uma conexão do indivíduo com algo superior, mas uma conexão independente de instituições, lugares e regras.

Isto é, resumidamente, o que entendo como sendo o Espiritismo. Na medida em que ele se espalha por mais pessoas e lugares, surgem instituições que objetivam estudá-lo, difundi-lo, praticá-lo, utilizá-lo em prol do desenvolvimento pessoal e social. Nesses lugares, se reúnem todas as pessoas que se interessam, de alguma forma, pelo Espiritismo e pelas suas possibilidades. A essas instituições, a esses lugares, chamamos, na

---

[32] Publicado originalmente em abril de 2024 na *Revue Spirite*, do Conselho Espírita Internacional.

atualidade, de centros espíritas, sociedades espíritas, casas espíritas, etc.

Neste breve texto, eu gostaria de focar nas possibilidades que as casas espíritas podem proporcionar para além do Espiritismo em si. Antes de um espaço onde somente ocorrem palestras, cursos ou reuniões mediúnicas, avalio que a casa espírita precisa ser um espaço de sociabilidade, de encontro, de vivências e convivência. Um espaço onde possamos conhecer diferentes pessoas e formas de pensar, construir vínculos, redes de proteção, de ajuda. Um espaço de segurança, onde o indivíduo possa encontrar acolhimento sem qualquer tipo de julgamento à sua pessoa ou ao seu passado, acolhimento independentemente de sua classe social, origem étnico-racial, gênero, orientação sexual, aparência ou mesmo opção religiosa.

Embora qualquer instituição espírita seja formada por seres humanos e, por isso mesmo, tenha suas contradições, lacunas e pontos a melhorar, estas precisam ter sempre como meta a fraternidade, o amor e o seu permanente aprimoramento, para que possam atender, o tanto quanto possível e na medida de suas possibilidades, a todas as pessoas que a busquem.

Além disso, uma parte das casas espíritas também é espaço de assistência às pessoas mais vulneráveis socialmente, seja através da doação de alimentos, roupas, de cursos, de atendimento médico, odontológico, psicológico, jurídico, etc. Todos esses serviços requerem, para que possam funcionar, quantidade relativa de voluntários – a depender do tamanho das instituições e da

dimensão dos trabalhos –, de pessoas que disponham do seu tempo, boa vontade, qualificação e preparo para atender, ajudar e trabalhar. Por sua vez, essas experiências de voluntariado podem mudar vidas, proporcionar vivências que podem impactar significativamente a percepção e visão de mundo e de sociedade daqueles que se voluntariam. Nesse sentido, o voluntariado em alguma instituição espírita – ou também não espírita – pode ser uma experiência intensamente formativa e transformadora. É sabido que, em muitos lugares, casas espíritas prestam um relevante serviço social, suprindo carências derivadas da omissão do Estado e da sociedade[33].

Junto a isso, avalio que as casas espíritas também podem ser espaços de formação intelectual e cidadã para as populações mais vulneráveis socialmente para as quais presta serviço. Como por exemplo, se possível: convidar médico(a)s para falar sobre saúde, cuidados com o corpo e alimentação; trazer advogado(a)s e assistentes sociais para falar sobre os direitos que todo indivíduo tem – e muitas

---

[33] Vale lembrar que inúmeras instituições religiosas, das mais diferentes matrizes e denominações, fazem trabalho muito significativo de auxílio e amparo de pessoas vulneráveis socialmente no Brasil. Juliano Spyer, no capítulo 22 da parte quarta da obra *Povo de Deus: Quem são os evangélicos e porque eles importam* utiliza o conceito de *Estado de Bem Estar Social Informal* para designar as redes de proteção que igrejas implantam em territórios periféricos e pauperizados onde o Estado se faz ausente e omisso. Cabe apontar que embora seja nobre e útil o trabalho assistencial desempenhado por instituições religiosas em locais com populações vulneráveis, a responsabilidade desse amparo e dessa assistência social é do Estado e somente este possui escala e capacidade suficiente para, por meio de políticas públicas, atender de forma mais vasta e resolutiva.

vezes nem sabe; trazer sociólogo(a)s para falar sobre machismo, racismo, lgbtfobia, democracia e cultura democrática, organização social e política comunitária; chamar psicólogo(a)s para exporem a importância de lidar com as próprias emoções e sentimentos de forma saudável e equilibrada, ressaltando a importância dos cuidados com a saúde mental; construir projetos de alfabetização para adultos, de reforço escolar para crianças, de pré-vestibular para jovens e adultos, de teatro, de esportes; implantar uma cultura de cuidados para com o espaço ao redor da instituição e com sua comunidade. Cabe apontar, contudo, que tais sugestões tratam-se de apontamentos em um plano ideal, pois cada uma dessas frentes de serviço demanda organização e trabalho imensos. Muitas instituições espíritas são de pequeno porte, contam com poucos voluntário(a)s e não têm condições materiais de expandir mais os trabalhos. E não há absolutamente nenhum problema nisso. Particularmente, prefiro instituições pequenas, que façam pouco quantitativamente, mas com elevada qualidade. O próprio Kardec (2013b), no capítulo 29 de *O Livro dos Médiuns*, no contexto da França do século XIX, relata sua preferência pela multiplicação de pequenos grupos espíritas, em detrimento de grandes agremiações. As ideias aqui expressas quanto a frentes e possibilidades de trabalho tratam-se antes de provocações, reflexões sobre as inúmeras possibilidades de atuação sociocultural das casas espíritas, sem que necessariamente elas tenham que abranger todos ou mesmo parte desses trabalhos.

Julgo também como fundamental que a casa

espírita precisa ser espaço de exercício, formação e construção de cultura democrática. Lugar onde indivíduos tenham voz, onde decisões importantes possam ser construídas e deliberadas da forma mais horizontal, transparente e aberta possível. Local onde o diálogo e a comunicação não violenta sejam premissas fundamentais de relacionamento[34].

As instituições espíritas devem ser espaços onde os católicos, evangélicos, umbandistas, candomblecistas, judeus, muçulmanos, budistas, ateus, etc., jamais se sintam desprezados ou desrespeitados de qualquer forma. Antes, precisa ser local onde o diálogo interreligioso possa acontecer e florescer, onde os diferentes aprendam uns com os outros, onde o amor seja a unidade no meio da diversidade. Não podemos esquecer que nas palestras e cursos espíritas podemos ter na assistência pessoas de outras religiões ou mesmo que não estejam vinculadas a nenhuma. Dessa forma, é fundamental que o respeito e a empatia permeiem sempre as falas, de caráter público ou particular.

As casas espíritas precisam ser espaços de promoção dos direitos humanos, de formação de indivíduos autônomos e sensíveis socialmente, espaços que proporcionem ferramentas para que quem o frequente possa sair de lá um pouco melhor, materialmente, intelectualmente, eticamente ou espiritualmente. Que as

---

[34] Recomendo fortemente a leitura de duas obras que tratam sobre a temática da comunicação não violenta: *Educação não violenta*, de Elisama Santos, e *Comunicação não violenta*, de Marshall Rosenberg.

casas espíritas, o tanto quanto possível, possam ser espaços que não se reduzam somente ao estudo e divulgação do Espiritismo. Que possam ser instituições que façam a diferença socialmente e/ou culturalmente para melhor no entorno das comunidades onde estão instaladas e/ou para quem a frequenta.

O objetivo de qualquer instituição espírita não deve ser, em minha opinião, fazer espíritas, mas cumprir o principal objetivo do Espiritismo: auxiliar no desenvolvimento pessoal, social e na promoção do bem estar. Se o indivíduo se tornar espírita, essa será a menor consequência. Se o indivíduo que passou pela instituição teve algum aprendizado ou experiência que o fez uma pessoa mais sensível, consciente, altruísta, responsável – ainda que não se torne espírita –, julgo que o Espiritismo e a instituição espírita cumpriram sua missão.

Por fim, vale lembrar que, embora as casas espíritas possam ser espaços extremamente úteis e relevantes do ponto de vista espiritual e social, em última instância o Espiritismo não depende delas, pois é perfeitamente possível ser espírita e não frequentar instituições espíritas. Em minha visão, o que define o espírita não é a frequência a um lugar, mas antes a sua postura ética e sua ciência/aderência aos conceitos centrais do Espiritismo. Allan Kardec (2013a, p. 235), por sua vez, aponta que se reconhece o verdadeiro espírita "*pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más*.". Por fim, o próprio Jesus,

segundo o relato bíblico, disse à mulher samaritana[35] que chegaria o tempo em que Deus não seria adorado em locais específicos, mas em espírito e verdade. Desejo que possamos vivenciar a nossa fé por meio do exercício do amor, em qualquer lugar onde o amor se faça necessário, seja nas instituições espíritas, seja fora delas, nos mais diferentes lugares e situações.

REFERÊNCIAS

KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo [tradução de Guillon Ribeiro da 3. ed. francesa, revista, corrigida e modificada pelo autor em 1866]. 131. ed. 2. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2013a.

KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns, ou, guia dos médiuns e dos evocadores: Espiritismo experimental [tradução de Guillon Ribeiro a partir da 49a edição francesa de 1861]. 81. ed. 1. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2013b.

ROSENBERG, Marshall. Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.

SANTOS, Elisama. Educação não violenta: como estimular autoestima, autonomia, autodisciplina e resiliência em você e nas crianças. 8. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

SPYER, Juliano. Povo de Deus: Quem são os evangélicos e porque eles importam. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

[35] Ver o *Evangelho de João*, capítulo 4.

Vínculos, convivência e casas espíritas[36]

O ser humano é, por natureza, social. Não sobrevivemos fisicamente sozinhos e necessitamos da interação, da convivência e da troca para nos desenvolvermos. Para além disso, também temos necessidades imateriais como afeto, amizade, vínculos. Ou seja, tanto materialmente quanto imaterialmente somos interdependentes. A máxima bíblica do *nem só de pão vive o homem*[37] traz, de forma simples e concisa, uma verdade profunda: a de que, para além das necessidades materiais, o ser humano tem necessidades que transcendem a matéria.

Em relação às necessidades materiais, tomemos o trabalho profissional como exemplo: por meio dele adquirimos os recursos necessários para sustentar a manutenção da vida física (alimentos, vestuário, utensílios, moradia, etc.). Por vezes, é possível escolher a área e a função com a qual se quer trabalhar, mas muito frequentemente isso não é possível. O fato é que o trabalho remunerado é uma espécie de obrigação em nossa sociedade.

Entretanto, quando falamos das necessidades imateriais, o termo *obrigação* já não se encaixa mais. Não somos obrigados a ir em um clube, a um encontro, parque ou festa. Da mesma forma, frequentar uma instituição

---

[36] Publicado originalmente em julho de 2025 na *Revue Spirite*, do Conselho Espírita Internacional.

[37] *Evangelho de Mateus*, capítulo 4, versículo 4

religiosa, num geral, é uma decisão voluntária, que se faz por vontade própria, quando e onde o indivíduo decidir. Nada segura de forma verdadeira e saudável uma pessoa em uma instituição religiosa a não ser sua vontade de estar lá[38].

A questão que se segue é a seguinte: o que faz uma pessoa ter vontade de estar em uma determinada instituição religiosa? O que sustenta essa vontade ao longo do tempo? O que pode diminuir ou extinguir essa vontade? Há possibilidades de resposta para cada uma dessas perguntas, entretanto um ponto é inequívoco em todas elas: *vínculos*. Estes determinam de forma significativa se uma pessoa continua frequentando ou não uma instituição religiosa ao longo do tempo.

Vínculo é uma conexão entre indivíduos, um laço que une, um afeto que nutre psiquicamente e gera bem-estar. Dois indivíduos que possuem *vínculo* um com o outro têm prazer em conviver, confiança mútua, vontade de estar juntos. São os *vínculos* que muitas vezes dão sentido à nossa vida, servindo de sustentáculo nos momentos difíceis ou proporcionando momentos de alegria e contentamento. Um indivíduo saudável

---

[38] Obviamente, há situações em que crianças ou adolescentes são obrigados pelos responsáveis a frequentar determinada instituição religiosa. Há também os casos de jovens ou adultos que, por crenças ou questões culturais, se acreditam obrigados a frequentar determinado templo – sem necessariamente ter uma relação saudável com a religião. Nesses casos, é possível que com a passagem do tempo e o amadurecimento do indivíduo, seu vínculo com a religião seja desfeito ou reelaborado. De qualquer forma, ressalto o que já foi escrito: “Nada segura de forma verdadeira e saudável uma pessoa a uma instituição religiosa a não ser sua vontade de estar lá.”.

psicologicamente é alguém que certamente possui *vínculos* de qualidade.

Já o oposto do *vínculo* é o distanciamento ou mesmo a indiferença. Nossa relação com aqueles com os quais não temos *vínculo* costuma ser protocolar e regulada apenas pela urbanidade. Tratamos a pessoa com educação, mas não sentimos falta da convivência com ela, saudade ou vontade de encontrá-la.

Pais, mães e filhos sem *vínculo* são uma família disfuncional e, certamente, com diversos tipos de problemas e questões. Irmãos sem *vínculo* são apenas parentes, mas não amigos. A amizade verdadeira é precedida de *vínculo*. Um relacionamento romântico saudável e duradouro é aquele onde há construção de *vínculo*.

Obviamente, há diversos graus de *vínculo* entre as pessoas. Alguns são mais apertados, outros menos, alguns mais profundos e outros não tanto, mas havendo algum grau de *vínculo* já há simpatia, respeito, satisfação em estar junto. Um professor que tem um mínimo grau de *vínculo* com sua turma certamente tem condições de fazer um trabalho pedagógico melhor e ter uma convivência mais agradável. Pais que constroem *vínculo* com os filhos proporcionam a estes mais segurança, possibilidades de desenvolvimento de seus potenciais e tornam o processo educativo mais efetivo e significativo.

A partir desses apontamentos, cabe uma pergunta: uma instituição espírita pode existir e funcionar sem *vínculos*?

Tomando como pressuposto que as casas espíritas

funcionam basicamente a partir de trabalho voluntário, que frequentá-las é uma opção e que seus serviços demandam organização e responsabilidades variadas, a resposta é *não*. Não é viável – e nem saudável –, a longo prazo, manter uma instituição que exista e funcione sobre essas bases sem que os indivíduos que a integrem tenham algum grau de *vínculo* entre si.

As casas espíritas são, num geral, consequência de um núcleo de pessoas que têm um ideal em comum e *vínculos* entre si. É a partir disso que as instituições espíritas se constituem e, gradualmente, vão aumentando e se mantendo ao longo do tempo.

Se, porventura, vier um momento em que os integrantes da instituição percam *vínculo*, as possibilidades são duas: o fim da casa ou a manutenção de um local que não produz mais bem estar, acolhimento e sentido àqueles que o frequentam.

Vínculos são a base de sustentação de qualquer instituição religiosa saudável. Se fosse possível construir uma metáfora visual, poderíamos dizer que as pessoas são os tijolos da casa espírita e os *vínculos* são o cimento que une os tijolos entre si, dando a sustentação para a instituição. Se não houver cuidado, carinho e atenção para com as pessoas e os *vínculos*, a estrutura se fragiliza, a convivência se deteriora, o senso de comunidade e acolhimento rui e, com tudo isso, a instituição se mantém funcionando de forma muito precária ou encerra as atividades – o que às vezes pode ser necessário.

Sendo assim, cabe a pergunta: as instituições espíritas têm estimulado e proporcionado espaço e

oportunidades para a construção e manutenção de *vínculos*?

Casas espíritas não devem ser somente e o tempo todo espíritas, mas devem, antes de tudo, ser casas. Se não for agradável passar o tempo na casa espírita, algo pode estar errado com a instituição. Estas precisam ser também espaços de encontro, de convivência, de trocas humanas.

Conheci o Espiritismo na instituição que até hoje permaneço ligado por meio de algumas atividades e, principalmente, pelos *vínculos* que, ao longo do tempo, o trabalho e a convivência me proporcionaram. As conversas no corredor sobre Espiritismo – mas também sobre a vida; as histórias pessoais de cada um que tive a oportunidade de conhecer; os aprendizados gerados pela convivência; as amizades que surgiram na casa espírita, mas se estenderam para fora do seu espaço; as discordâncias e tensões – que são naturais em qualquer ambiente diverso – que nos auxiliam em nosso processo de amadurecimento e aperfeiçoamento de ideias. Ou seja, múltiplos aprendizados para além do Espiritismo que a convivência e trabalho em um espaço comum possibilitam, o estímulo ao crescimento do ser humano em várias dimensões.

Entretanto, nada disso é possível sem um espaço que favoreça e estimule a convivência respeitosa, afetuosa e, consequentemente, o ensejo para a construção e o cultivo de *vínculos*. Dessa forma, penso que a casa espírita deve ser *meio*, e não *finalidade*. Ela é uma ferramenta para o trabalho e estudo espírita, mas antes precisa ser um espaço que possibilite a interação, as trocas, a convivência.

IV – ALERTAS

Espiritismo: opressor ou libertador?[39]

O Espiritismo conforme construído por Allan Kardec é um grande instrumento de esclarecimento, consolo e esperança. Entretanto, cabe apontar que não é uma obra pronta e muito menos perfeita[40]. Assim, aliás, enxergava o seu próprio construtor, conforme escreveu na *Revista Espírita* de 1866:

> *O Livro dos Espíritos* não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão apresentar as bases e os pontos fundamentais, que se devem desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. (KARDEC, sem data, p. 299)

Em *O Livro dos Médiuns*, o mesmo princípio é reafirmado:

> Pensam muitas pessoas, ademais, que *O livro dos espíritos* esgotou a série das questões de moral e de filosofia. É um erro. (KARDEC,

---

[39] Publicado originalmente em abril de 2025 no Site https://www.cepabrasil.org.br/portal/destaques/337-espiritismo-opressor-ou-libertador

[40] A abordagem que Kardec fez da questão racial – presente na *Revista Espírita* de Abril de 1862 –, a questão 822 a) de *O Livro dos Espíritos* ou vários trechos do livro *A Gênese* contém ideias e teorias que a ciência e o tempo provaram extremamente equivocados. Ou seja, a obra kardequiana não é algo divino que desceu puro dos céus. É, antes, a obra de um ser encarnado, com a participação de muitos outros encarnados e desencarnados, todos esses em processo de evolução e sob a influência de um tempo, espaço, cultura e sociedade.

2013b, p. 366)

Prossegue em *A Gênese*:

> O Espiritismo, pois, estabelece como princípio absoluto somente o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. Entendendo-se com todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de *verdades práticas* e abandonado o domínio da utopia, sem o que o Espiritismo se suicidaria. Deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu fim providencial. *Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará*. (KARDEC, 2013a, p. 41-42)

Se, do ponto de vista intelectual, o Espiritismo kardequiano foi abertura, curiosidade e pesquisa constantes, do ponto de vista moral ele é a busca incessante pelo bem estar humano, seja a nível individual ou coletivo:

> Coloco em primeira linha consolar os que sofrem, levantar a coragem dos abatidos, arrancar um homem de suas paixões, do

> desespero, do suicídio, detê-lo talvez no abismo do crime. (KARDEC, 2005, p. 65-66)
>
> Por sua poderosa revelação, o Espiritismo vem, pois, apressar a reforma social. (KARDEC, 2005, p. 88)

Seu fundador insistia na importância da caridade, ou seja, do amor em movimento. Amor que pode assumir as mais variadas formas e ações possíveis, mas todas elas sempre alicerçadas no desejo do bem-estar do outro, no respeito, no acolhimento, na solidariedade:

> Sem a caridade, não há instituição humana estável; e não pode haver caridade nem fraternidade possíveis, na verdadeira acepção da palavra, sem a crença[41]. Aplicai-vos, pois a desenvolver esses sentimentos que, engrandecendo-se, destruirão o egoísmo que vos mata. Quando a caridade tiver penetrado as massas, quando se tiver transformado na fé, na religião da maioria, então vossas instituições se tornarão melhores pela força mesma das coisas; os abusos, oriundos do personalismo, desaparecerão. Ensinai, pois, a caridade e, sobretudo, pregai pelo exemplo: é a âncora de salvação da sociedade. Só ela pode realizar o

[41] Coloco em questionamento essa afirmação de Kardec. Será que a crença religiosa sempre é necessária para haver fraternidade e caridade? Tenho para mim que não, tendo em vista variadas pessoas que se intitulam ateus, agnósticos ou desinteressados de religião que são profundamente humanistas, generosas e inspiradoras. Obviamente, a religião pode dar impulso ou estímulo à fraternidade e caridade, mas não é condição única para elas.

> reino do bem na Terra, que é o reino de Deus; sem ela, o que quer que façais, só criareis utopias, das quais só vos resultarão decepções. (KARDEC, 2005, p. 86-87)

Resumidamente, o que busco deixar explícito é o cerne intelectual e moral do Espiritismo na proposta kardequiana.

É óbvio que enquanto um sistema de ideias e valores construído por um homem branco, de classe média, na Europa do século XIX, o Espiritismo kardequiano tem problemas e limitações. A sociedade daquele tempo-espaço era infinitamente mais limitada do que o é a nossa atualmente. Incontáveis avanços intelectuais, técnicos, culturais e jurídicos ocorreram entre as décadas de 1850/1860 e o século XXI. Nenhuma ideia jamais deve ser descontextualizada de onde e quando surgiu. Tudo precisa ser entendido dentro de um contexto e, posteriormente, analisado e criticado.

Além do mais, dessacralizar e humanizar indivíduos e obras é fundamental, pois encarar toda obra como produto de um ser humano que tem limites e lacunas – mas também talentos e potenciais – nos permite aproveitar o que há de bom e filtrar o que não seja razoável. É preciso separar a casca – que tem muito do contexto sociocultural de um determinado tempo-espaço – do fruto, que é ainda válido e extremamente rico de possibilidades e utilidade.

Em outra ponta, não podemos esquecer que conforme as ideias são propagadas por diferentes lugares e pessoas ao longo do tempo, elas irão, inevitavelmente,

sofrer modificações, adaptações, reapropriações. Uma ideia gestada na França de 1850, quando chegar ao Brasil de 1880 irá passar por um filtro sociocultural que a transformará. De 1880 até os anos 2000, mais camadas irão se sobrepor. E não há nada de estranho nisso do ponto de vista sociológico e antropológico. Isso é, na realidade, esperado, e ocorre com todas as religiões, doutrinas ou filosofias.

Do ponto de vista da Antropologia e da Sociologia, podemos afirmar que há cristianismos, islamismos, judaísmos, espiritismos, no plural, ou seja, uma mesma religião ou doutrina vai desenvolver inúmeras variações internas conforme se difunde, muita embora vá manter alguns elementos que dão algum tipo de unidade dentro dessa diversidade que naturalmente se forma.

Apesar dessa natural pluralidade, é importante ressaltar a importância da coerência entre religião/doutrina, suas transformações e apropriação por parte dos indivíduos. Darei um exemplo dentro do cristianismo.

Jesus, no Novo Testamento, é um indivíduo que ensina e vivencia uma profunda mensagem de amor, solidariedade, respeito. Acolhia os excluídos e marginalizados, denunciava os religiosos hipócritas e criticava as tradições que oprimiam. Após a morte de Jesus, seus discípulos iniciaram um movimento de organização, sistematização e difusão de seus ensinos. O cristianismo enquanto corrente religiosa nasce a partir disso. Entretanto, ao longo dos séculos, indivíduos e grupos usaram essa mensagem que é de amor,

simplicidade, espontaneidade, para criar instituições que oprimiram, violentaram, disputaram poder político e mesmo assassinaram. De um judeu pobre que fugia da posse de qualquer privilégio, que andou entre pescadores, prostitutas e doentes, criaram posições de mando, templos cheios de luxo e inumeráveis regras.

Pastor Henrique Vieira é claro a respeito dessa questão no movimento cristão:

> É impressionante como o cristianismo, uma espiritualidade de origem periférica e popular, pautada na radicalidade do amor, foi se tornando justificativa para sistemas opressores e práticas de ódio. Jesus andou com os pobres e oprimidos, acolheu as pessoas amaldiçoadas e marginais, impediu processos de execução, recusou mecanismos de vingança, exaltou o perdão como forma de mediação de conflitos, reconheceu a dignidade até de seus inimigos. Jesus foi preso, torturado e assassinado. Foi executado pelo Império Romano sob o aplauso e escárnio de muitas pessoas. Enfim, foi um preso político, vítima da violência e do ódio. Como uma mensagem com essa origem pode, em tantos momentos da história, justificar atos de violência e genocídio? A lente fundamentalista se apega à letra enquanto esfria corações diante da vida concreta.
>
> Jesus foi vítima desse modelo que colocava a Tradição (isto é, o conjunto de leis bíblicas da época) como referência absoluta, inquestionável e impenetrável. (VIEIRA, 2019, p. 62)

Por sua vez, Chico Xavier e o Espírito Neio Lúcio, por meio da mediunidade, também dão outra possibilidade de perspectiva para a questão:

> - Sara, qual é o serviço fundamental de tua casa?
> - É a criação de cabras – redarguiu a interpelada, curiosa.
> - Como procedes para conservar o leite inalterado e puro no benefício doméstico?
> - Senhor, antes de qualquer providência, é imprescindível lavar, cautelosamente, o vaso em que ele será depositado. Se qualquer detrito ficar na ânfora, em breve todo o leite se toca de franco azedume e já não servirá para os serviços mais delicados.
> Jesus sorriu e explanou:
> - Assim é a revelação celeste no coração humano. Se não purificamos o vaso da alma, o conhecimento, não obstante superior, confunde-se com as sujidades de nosso íntimo, como que se degenerando, reduzindo a proporção dos bens que poderíamos recolher. (XAVIER, 2014, p. 16)

O trecho acima obviamente está permeado por uma dimensão literária e até mesmo teológica, mas a reflexão que propõe é valiosa: o quanto as religiões e doutrinas sofrem de modificação quando nos atravessam? O quanto nossos interesses pessoais, lacunas e limitações influenciam nesse processo?

O fato é que a mensagem cristã foi intensamente

mutilada e mesmo completamente distorcida por muitos ao longo do tempo. Uma coisa são interpretações diferentes acerca de passagens, ensinos, recomendações, rituais – o que é natural em vista da diversidade humana. Outra é transformar água em lama, amor em ódio, paz em violência, justiça em exploração.

Pois bem, o Espiritismo, como todas as religiões e doutrinas, não escapou às mutilações e distorções. Reforço que não quero aqui defender uma ideia de pureza original perfeita. Não gosto dessa ideia. O que advogo é sobre a necessidade de manutenção de coerência entre os pontos chave de uma religião ou doutrina ao longo do tempo e de sua difusão por pessoas e espaços.

Voltemos a Kardec. Em *O Livro dos Médiuns ou Guia dos médiuns e evocadores*, vemos um autor buscando desmistificar a mediunidade, explicando-a da forma mais simples e direta possível, com o objetivo de auxiliar aqueles que têm a faculdade mediúnica a usá-la de forma proveitosa para o auxílio aos outros ou para a pesquisa espírita. Kardec naturaliza e humaniza a mediunidade, mas atualmente, em muitas instituições espíritas, ela é encarada como algo excessivamente engessado, distante e limitado. O acesso à mediunidade e à prática mediúnica é, em muitas situações, vetado ou muito dificultado. É como um Espiritismo sem Espíritos.

Em *O Livro dos Espíritos*, encontramos um Kardec que se permite filosofar, questionar e dialogar com os Espíritos a respeito dos mais diversos temas, sem tabus ou medos. Na obra, são debatidas a escravidão, a pena de morte, os direitos da mulher, o enriquecimento com base

na exploração, a fome e a má distribuição dos alimentos, desigualdades sociais, liberdade de pensamento e religião, etc. Isso tudo em meados do século XIX, em meio a França sob um governo de caráter autoritário. De forma muito contraditória observamos que no Brasil do século XXI, discutir racismo, questões de gênero, sexualidade, desigualdades sociais ou outros assuntos contemporâneos é visto em muitas instituições como erro grave, passível de marginalização ou mesmo expulsão da instituição espírita.

Em *Viagem Espírita em 1862 e outras viagens de Kardec* e em *O Livro dos Médiuns*, observa-se uma perspectiva de grupo ou instituição espírita como um ambiente de acolhimento, fraternidade, respeito, vínculos, amor. Há, no entanto, muitos centros espíritas em que o indivíduo não será acolhido, respeitado ou tratado com solidariedade. Se um negro, gay, com o cabelo pintado de loiro e piercing for o palestrante da noite em um centro espírita, qual seria a reação do auditório? Quantos indivíduos LGBT+ não encontram espaço e nem respeito em instituições espíritas? Se um médium resolve fazer tatuagens que preencham ambos os braços, como será encarado por seu grupo de reunião?

Para além disso, percebo também espíritas com alto grau de sofrimento psíquico vivenciado ao longo da vida pela forma como os ensinaram e apresentaram o Espiritismo. Pessoas com muito medo, culpa, insegurança, desencorajadas a questionar, estimuladas a sempre obedecer. Indivíduos, por vezes, verdadeiramente traumatizados. Não é difícil encontrar relatos de espíritas sobre experiências dolorosas vivenciadas no ambiente

espírita.

O fato é que podemos falar de um tipo de fundamentalismo espírita que está presente no Brasil. Uma forma de se apropriar, relacionar e difundir o Espiritismo que pode oprimir, violentar, silenciar. Uma maneira de olhar arrogante, que enxerga o Espiritismo como algo superior, hierarquicamente acima de outras religiões ou doutrinas, como um saber que está além da ciência e da filosofia. Uma perspectiva autoritária, que não admite ser questionada, criticada e que não se abre para um diálogo franco e respeitoso com a diversidade e a sociedade.

> A mente fundamentalista não se permite duvidar do que crê e não aceita dialogar com as diferenças. (VIEIRA, 2019, p. 57)
>
> para um fundamentalista não há diálogo. Se um fala em nome de Deus e o outro não, que conversa é possível? (VIEIRA, 2019, p. 59)
>
> Mas o grande ponto do fundamentalismo é que ele produz uma visão que se percebe como verdade absoluta. A mente fundamentalista tende a entrar em pânico diante de dúvidas e questionamentos. (VIEIRA, 2019, p. 63)
>
> O fundamentalista não dialoga, porque não se propõe a ouvir; não aprende, porque parte do pressuposto de que só pode ensinar. O mundo fica dividido entre salvos e perdidos, entre bem e mal, e a fronteira delimitada pelo conjunto de crenças da instituição religiosa. (VIEIRA, 2019, p. 58)

> o mais relevante é submeter nossa doutrina à reflexão, à comunhão, ao exercício permanente da autocrítica à luz das demandas e necessidades do nosso tempo. (VIEIRA, 2019, p. 59)

Há espíritas que, infelizmente, por não encontrar ambiente saudável para acolhimento, escuta e amparo, entram em depressão, adoecem.

Pessoas que perderam algum familiar por meio do suicídio e ainda são violentados por um terrorismo psicológico cruel que, ao invés de acolher e prestar compaixão e solidariedade, gera medo e angústia.

Há espíritas que, frente às enormes desigualdades sociais e a absurda quantidade de pessoas desabrigadas e dormindo nas calçadas, justificam a si mesmas que está tudo conforme a justiça divina, tratando-se de um processo de expiação que cumpre àquele indivíduo passar e não há muito o que pode ser feito.

Há espíritas que associam todo problema psíquico à obsessão e questões espirituais, quando há muitos casos em que o tratamento precisa ser com um profissional da Psiquiatria e com um Psicólogo.

Há jovens que frequentam evangelização, mocidade e, depois de adultos, não retornam nunca mais ao centro espírita, pois ao ingressar na universidade, em movimentos sociais ou ter acesso a outros saberes e experiências identificam que o espaço da instituição espírita não os comporta mais porque não os aceitará como são e pensam, não lhes possibilitando mais espaço

de atuação frutífera.

A questão é que o Espiritismo não foi concebido para ser fechado, dogmático, frio, autoritário. Se alguns o fizeram assim, ele não precisa ser assim. Há formas acolhedoras, dialógicas, críticas, humanistas de se apropriar e se relacionar com o Espiritismo. Ele não precisa ser opressão, medo ou culpa. Na verdade pode, e deve, ser libertação, impulso, leveza, suporte para nosso crescimento individual e mesmo social.

O Espiritismo tem como principal contribuição intelectual o objetivo de apresentar uma lente para observação e análise da realidade – um óculos composto pelas ideias de Espírito, mediunidade, Deus, reencarnação e evolução. Olhar para a vida levando em conta esses conceitos altera muitas conclusões, ações e mentalidades.

Do ponto de vista moral, sua principal contribuição é o consolo e a esperança. Ao apontar e demonstrar empiricamente que há um princípio de vida em nós que sobrevive à morte do corpo físico, evidenciando que a vida não cessa, muitos de nós adquirimos força para nos erguer e lutar perante as adversidades. Saber que nossos amores continuam vivos ressuscita pessoas em vida. Conceber que a vida material é extremamente importante e valiosa, mas que é apenas uma etapa da nossa jornada, é como expandir horizontes.

Do ponto de vista social, o Espiritismo pode estimular nossa sensibilidade e compaixão, transformando-as em reflexão e ação concretas para alterar o *status quo* da sociedade, seja em escala micro ou macro. Ao nos evidenciar o valor da vida e da encarnação, pode

incutir um senso de urgência para as mudanças que precisam ocorrer na coletividade para que o nível de bem-estar seja cada vez maior, evitando sofrimentos evitáveis. Ao apresentar as consequências espirituais de nossas ações, pode nos despertar para um nível maior de responsabilidade e consciência perante os outros.

Por fim, do ponto de vista institucional, o movimento espírita não precisa ser algo homogêneo e pasteurizado. Ele pode e não tem como deixar de ser diverso, plural. A casa espírita precisa ser um grande espaço de sociabilidade, de encontros, convivência. Atualmente, vejo com nitidez que a maior contribuição que a casa espírita me proporcionou foi a convivência/sociabilidade. Conhecer pessoas diferentes, com histórias diversas. Construir vínculos. Vivenciar experiências por meio do trabalho voluntário. As conversas após as reuniões até depois da meia noite na rua. Vidas encontrando outras vidas. Atravessar e ser atravessado por outras trajetórias. Não podemos abrir mão dessa dimensão da casa espírita como espaço de encontros – para muito além de doutrina ou estudo somente. O próprio nome já diz: “casa espírita”. Antes de ser "espírita", tem que ser "casa".

Por um Espiritismo que seja liberdade e libertação, tanto na dimensão espiritual, quanto na individual e na social. Por um Espiritismo que seja estimulador da espiritualidade. Por um Espiritismo que alimente a espontaneidade, a autenticidade e a humanidade. Por um Espiritismo que possa ser meio, ferramenta de crescimento para aqueles que o conheçam. Por um Espiritismo leve,

risonho e alegre.

REFERÊNCIAS

KARDEC, Allan. A Gênese [tradução de Guillon Ribeiro da 5a ed. francesa]. 53. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013a.
KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos: princípios da Doutrina Espírita [tradução de Guillon Ribeiro]. 92. ed. 2. Reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2012.
KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns, ou, guia dos médiuns e dos evocadores: Espiritismo experimental [tradução de Guillon Ribeiro a partir da 49a edição francesa de 1861]. 81. ed. 1. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2013b.
KARDEC, Allan. Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos 1866 [tradução de Evandro Noleto Bezerra]. Brasília: Federação Espírita Brasileira. Sem Data. (versão gratuita baixada no site da FEB).
KARDEC, Allan. Viagem Espírita em 1862 e outras viagens de Allan Kardec [tradução de Evandro Noleto Bezerra]. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.
XAVIER, Francisco Cândido. Jesus no Lar. 37. ed. 8. imp. Brasília: FEB, 2014.
VIEIRA, Henrique. O Amor como Revolução. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

Política, ética e Espiritismo[42]

O objetivo deste texto é refletir sobre a relação entre política, ética e Espiritismo. Aponto, de antemão, que em minha percepção, esse trinômio é indissociável, ou seja, a doutrina espírita possui um arcabouço ético que, inevitavelmente, tem consequências políticas nos indivíduos e na sociedade. Diria, inclusive, que essa mesma lógica é válida para qualquer religião ou movimento religioso que, até onde concebo, sempre possuirá sua ética própria e suas repercussões políticas.

Para começar, penso que é importante definir claramente o que cada palavra ou termo principal que utilizo significa para mim, para que, dessa forma, seja possível estabelecer uma comunicação mais sistematizada, clara e didática.

O primeiro termo que quero definir é **Espiritismo**. O Espiritismo é, ao meu ver, um campo do conhecimento – ainda muito inexplorado –, uma filosofia espiritualista e um estímulo a uma religiosidade livre, aberta e autônoma.

Enquanto campo do conhecimento, busca investigar e compreender as relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos. Enquanto filosofia espiritualista, o Espiritismo questiona sobre o que está para além do estritamente material, refletindo sobre as consequências da imortalidade da alma e das relações entre os Espíritos e os

---

[42] Publicado originalmente em setembro de 2023 na *Revista Perspectivas*, da Sociedade Espírita Sorella e em agosto de 2024 no Site https://www.sociedadeespiritasorella.com/

homens por meio da mediunidade. A partir dos seus conceitos principais (mediunidade, Espírito, Deus, evolução e reencarnação) e de sua ética, o Espiritismo pode vir a estimular religiosidade, ou seja, uma conexão do indivíduo com algo superior, mas uma conexão independente de instituições, lugares e regras.

O segundo termo relevante a definir é o de **ética**. O dicionário online *Michaelis* (2022) aponta uma definição que é simples e didática: "Conjunto de princípios, valores e normas morais e de conduta de um indivíduo ou de grupo social ou de uma sociedade." Ou seja, sob essa perspectiva, a ética seria como um código de conduta, um conjunto de valores que norteiam nossas opções e ações enquanto indivíduos, grupos ou sociedade. Dessa forma, seria possível falar de uma ética médica, de um conjunto de valores e condutas que seriam imprescindíveis para uma prática médica de excelência. É possível falar de uma ética docente, de uma ética cristã, de uma ética espírita, e assim sucessivamente.

Sendo assim, o Espiritismo também possui uma ética que, em minha opinião pessoal, está pautada em 4 valores: respeito, não violência, empatia e altruísmo. Deduzo essa ética espírita a partir de todas as leituras que até então tive a oportunidade de vivenciar no Espiritismo, adotando as obras de Kardec como pilar central – em especial, a 2ª parte do livro *O Céu e o Inferno*. Dessa maneira, em minha percepção, a pessoa que queira estar em coerência e consonância com a proposta espírita para o indivíduo e para a sociedade precisa ter esses valores que citei anteriormente como norteadores de suas ações.

O terceiro termo a definir é o de **política**. Para mim, de forma muito resumida, eu diria que podemos dividi-la em dois tipos:

> **1)** a política institucional, ou seja, aquela que em uma democracia é praticada por representantes eleitos periodicamente pelo povo (vereadores, deputados, senadores, prefeitos, governadores e presidentes) nas mais diversas instâncias oficiais do Estado ou por meio de instituições da sociedade civil como sindicatos, partidos, associações, conselhos, etc;
>
> **2)** a política da vida cotidiana, ou seja, meus posicionamentos perante os fatos, minhas opiniões acerca dos mais variados assuntos, minhas visões de mundo e minha ação na sociedade.

Diria que, no mundo atual, em um Estado democrático, é impossível não estarmos relacionados ou sermos neutros em qualquer uma dessas duas formas de política:

> (...) em qualquer atividade que se exerça, faz-se política, toma-se posição nesse mundo desigual. Cada um de nós é chamado a se posicionar. Não existe neutralidade. Em tudo que fazemos contribuímos para manter ou transformar a realidade; dominar ou mudar; oprimir ou libertar. (BETTO, 2021, p. 88)

Na primeira concepção de política aqui expressa, é

impossível a neutralidade porque, no contexto de Brasil, todos somos obrigados a votar para eleger nossos representantes na esfera municipal, estadual e federal. Ainda que algum indivíduo opte por não votar ou votar em branco ou nulo está se posicionando politicamente.

Na segunda concepção de política também é impossível ser neutro porque todos nós agimos na sociedade, temos visões de mundo, opiniões e posicionamentos acerca dos fatos. Importante observar que, a depender das circunstâncias, mesmo o silêncio ou a inação não deixam de ser uma espécie de posicionamento político.

Feita a apresentação do que entendo como sendo cada um dos termos principais deste artigo, fica a questão: como política, ética e Espiritismo se relacionam?

A resposta para isso é simples. Se a política está presente tanto no voto quanto na vida, é forçoso afirmar que todos nós temos valores que nos guiam em nossos votos e em nossas ações e opiniões cotidianas. Ou seja, todos temos, ainda que não percebamos, algum tipo de ética que norteia nossa forma de ver e agir no mundo. Sendo assim, ética e política estão inevitavelmente conectadas. E, no caso do espírita, a ética espírita e a política também estão conectadas.

A questão é que se adoto a ética espírita e seus valores (respeito, não violência, empatia e altruísmo) na minha vida, isso repercutirá na minha atuação na política institucional, não apenas por meio do voto, como também na política da vida, por meio dos meus posicionamentos e ações. Assim também ocorrerá, em minha visão, com o

judeu e a ética judaica, o muçulmano e a ética islâmica, o cristão e a ética cristã, um agnóstico ou ateu e a ética que estes adotam para sua vida[43], etc.

Sendo assim, seguir a ética espírita como eu a concebo, inevitavelmente, faz com que nossos votos, posicionamentos e ações cotidianas sejam:

a) contra qualquer forma de violência e opressão (tortura, racismo, lgbtfobia, xenofobia, machismo, preconceito religioso, fome e miséria, desemprego, desigualdades sociais, corrupção, uso da máquina pública para fins pessoais, etc.);

b) contra qualquer forma de autoritarismo (ditaduras, ausência de liberdade de pensamento, ausência de liberdade religiosa, ausência de cultura democrática, etc.);

c) contra qualquer forma de exploração do ser humano;

d) contra qualquer forma de exploração destrutiva da natureza (poluições indiscriminadas, destruição dos recursos e patrimônios naturais, maus tratos aos animais, etc.).

---

[43] Importante observar que nem toda ética está necessariamente relacionada a um segmento religioso. Além disso, cabe também observar que dentro de cada segmento religioso é possível que existam disputas internas em torno dos valores que constituiriam a ética daquele segmento. Ou seja, é possível que tenhamos mais de uma ética cristã por exemplo, derivada de grupos cristãos que discordam entre si em algumas questões.

Aylton Paiva (2014, p. 94) vai apontar que "é indispensável que, embasado nos princípios espíritas, se trabalhe para remover as causas geradoras da miséria, da ignorância e dos vícios."

Peguemos um exemplo concreto. Jesus é uma figura histórica e religiosa muito relevante para diversas matrizes religiosas e, no Espiritismo, é também encarado como um exemplo e inspiração. Muito embora tenha vivido em um tempo histórico, em um recorte geográfico e em uma cultura muito diferente do Brasil de início do século XXI, ele legou exemplos de conduta e de posicionamentos que são, de certa forma, atemporais. Lendo os *Evangelhos*, no *Novo Testamento*, é possível observar que Jesus não tinha envolvimento com a política institucional da época, mas tinha sim forte envolvimento na política da vida, pois sempre se posicionava a favor dos pobres, dos oprimidos, das vítimas da violência e do preconceito, acolhia aqueles que queriam se renovar para o amor e a generosidade. Jesus se posicionava contra o fundamentalismo religioso, contra o uso da religião para oprimir. Não se vê nos textos um Jesus omisso, mas sim um Jesus atuante na política da vida, do cotidiano, um Jesus que defende a mulher que seria apedrejada, um Jesus que acolhia cegos, deficientes, leprosos, que jamais se negava a receber aqueles que sinceramente o procuravam, um Jesus que combatia as injustiças por meio da não violência, um Jesus preocupado com o bem estar do ser humano, com o amor em seu sentido mais profundo e amplo.

Frei Betto, no livro *Espiritualidade, amor e êxtase*

propõe que a atuação de Jesus estava centrada em 4 aspectos básicos:

1) soberania da vida;
2) o direito dos pobres;
3) a partilha;
4) o poder como serviço.

Segundo Frei Betto:

> Não haverá verdadeira democracia enquanto esses quatro pressupostos não estiverem estruturalmente assegurados para todos: direito de acesso às condições dignas de vida; combate às causas da miséria e da pobreza; partilha dos 'bens da Terra e dos frutos do trabalho humano', como se reza à mesa eucarística; e poder como serviço. (BETTO, 2021, p. 57)

Junto a isso, julgo também importante apontar algumas observações a respeito da relação entre política e Espiritismo: não acredito numa bancada espírita no legislativo ou em anúncios de candidatos políticos na casa espírita, o que seriam práticas extremamente inadequadas; entretanto, acredito numa casa espírita que acolhe, que cuida, que estimula uma cultura democrática, que acompanha a sociedade e a ciência.

Num outro lado, também gostaria de observar que não acredito que seja saudável e empático obrigarmos pessoas a se posicionarem sobre algo que elas não queiram ou não se sintam confortáveis para fazê-lo. O respeito ao momento e jeito de cada um também é elemento

imprescindível. Da mesma forma, jamais podemos obrigar uma pessoa a pensar como nós. Podemos discordar, mas precisamos respeitar.

Para concluir, gostaria de apontar que a religião tem inevitavelmente uma dimensão política, pois pode tanto favorecer a manutenção quanto a subversão de determinada ordem social, além de, através da ética que adota e das visões de mundo que estimula, influenciar na ação política institucional e cotidiana das pessoas[44]. O Espiritismo precisa ser um estimulante para a construção de uma sociedade melhor, onde extingamos a violência, a opressão, a exploração, onde nenhuma pessoa passe fome ou tenha que dormir nas calçadas, onde a natureza seja respeitada devidamente e utilizada de forma sustentável. Onde a vida esteja acima do lucro. O Espiritismo precisa estimular e fortalecer a cultura democrática e uma mentalidade preocupada com o coletivo.

REFERÊNCIAS

BETTO, Frei. Espiritualidade, amor e êxtase. Petrópolis: Vozes, 2021.
KARDEC, Allan. O que é o Espiritismo [tradução da Redação de *Reformador* em 1884]. 56. ed. Brasília: FEB, 2013.
MICHAELIS. Verbete "ética". Disponível em: < https://michaelis.uol.com.br/> Acesso em jul 2022.
PAIVA, Aylton. Espiritismo e Política: contribuições para a evolução do ser e da sociedade. 1. ed. Brasília: FEB, 2014.

[44] Sobre a relação entre política e Espiritismo, indico a leitura do livro *Espiritismo e Política: contribuições para a evolução do ser e da sociedade*, de Aylton Paiva, editado pela FEB.

V – AUTOCUIDADO

Vida interior: mente, pensamento e energia[45]

PENSAMENTOS E SEU FLUXO

Gosto de pensar em nossa mente como uma fonte da qual fluem, incessantemente, pensamentos.

Do ponto de vista espírita, os pensamentos possuem dois tipos principais de propriedades. A primeira delas é que carregam a qualidade sentimental, emocional e espiritual de quem os emite. Dessa forma, podem carregar compaixão, ódio, angústia, esperança, perturbação, amor, paz, terror, inspiração, tristeza, alegria, violência, ansiedade, etc. A segunda é que nossos pensamentos têm a capacidade de se conectar a pensamentos de outras pessoas que possuam o mesmo teor psíquico que o nosso. É como se nossos pensamentos entrassem em sintonia com outros semelhantes, ganhando potência e retroalimentando-se, comunicando-se reciprocamente. Nossos pensamentos criam vínculos energéticos e espirituais.

Na medida em que o pensamento escoa de forma inestancável de nossas mentes, é como se estivéssemos, a todo tempo, imersos, encharcados, envoltos por eles e pelas qualidades que eles carregam. É como se todos possuíssemos uma atmosfera espiritual que é consequência da média dos nossos próprios pensamentos.

Sendo assim, todos carregamos esse emaranhado de pensamentos ao nosso redor, que podem ser tanto prisões, fontes de angústia e dor, quanto também podem

---

[45] Publicado originalmente em julho de 2025 na *Revista Reformador*, da FEB.

ser liberdade, bem-estar, paz interior. Essa nossa aura, se assim é possível dizer, vai deixar seus rastros pelos ambientes que visitamos, pelas pessoas com as quais interagimos. É como nosso perfume espiritual ou registro psíquico.

AUTOCONHECIMENTO

Há pessoas que vivem o cotidiano e passam boa parte da vida sem notar esse processo mente-pensamento conscientemente. É como se funcionassem no automático, sem lucidez dos fenômenos que ocorrem consigo mesmas. É como se utilizassem uma máquina que não conhecem como funciona – e, por isso, frequentemente se acidentam.

Viver a vida de forma sistematicamente irrefletida acarreta, cedo ou tarde, dores, angústias e perturbações muitas vezes evitáveis.

Num contraponto, construir o hábito da reflexão, ou seja, de prestar atenção em si mesmo, no que pensa, no que sente, em como age e reage, nas consequências das suas ações, pode ser uma possibilidade de viver de forma mais plena, presente e madura.

Junto a isso, é possível afirmar que existem várias práticas de harmonização do fluxo mental. Voltemos à metáfora visual da mente como produtora permanente de pensamentos. É como se esses pensamentos fluíssem por meio de uma torneira. Entretanto, há torneiras que expelem a água de forma espalhada, molhando tudo ao redor e dificultando o aproveitamento; outras expelem a água com muita força; outras emitem um fluxo que fica variando de direção; outras derramam a água de forma

suave. Assim também é nossa mente escoando os pensamentos.

De que forma, num geral, eles escoam de nós? Práticas esportivas, lazer equilibrado, psicoterapia, contato com a natureza, meditação e oração, são exemplos de práticas que podem auxiliar na regulação e na harmonização do fluxo de nossos pensamentos. É fundamental nos autoconhecermos e entendermos os padrões de funcionamento da nossa mente, dos nossos pensamentos, para que assim possamos aprender a lidar conosco mesmos e a nos aprimorarmos de forma consciente e autônoma.

PENSAMENTOS E SUAS INTERAÇÕES

Que tipo de pensamentos e energias eu compartilho com as pessoas e os ambientes que frequento? Qual é o rastro psíquico que deixo por onde passo e com quem convivo?

Que tipos de pensamentos e energias as pessoas deixam para mim? Quais pessoas me fazem mal e quais me fazem bem? Quais ambientes deixam o quê para mim?

O que precisa ser transformado para que eu possa ter mais bem-estar?

Lembremos que uma das propriedades do pensamento é a capacidade de conexão e sintonia. De maneira direta e indireta, estamos emaranhados a pessoas e ambientes. Há emaranhamentos que nos fornecem sensação de pertencimento, proteção, suporte, afeto, tranquilidade e felicidade. Há outros que nos intoxicam, limitam, escravizam e oprimem.

Nenhum emaranhamento é permanente, pode sempre ser modificado, mas, ao mesmo tempo, não é fácil ou mesmo possível fazê-lo rapidamente. Desemaranhar algo muito entranhado pode demorar, requerer muita vontade e mesmo ajuda.

A outra propriedade do pensamento consiste em carregar as qualidades sentimentais, emocionais e espirituais de quem os emite. Sendo assim, estamos encharcados constantemente pelos nossos próprios pensamentos e, durante o cotidiano e a vida, também somos afetados pelos pensamentos e energias de outras pessoas e ambientes.

Entretanto, cabe apontar que a nossa atmosfera psíquica possui prevalência. Se estou impregnado por uma média de pensamentos saudáveis, possuo essa energia no meu entorno e psiquicamente opero em outra sintonia, isso funcionará como um tipo de proteção. Uma pessoa em equilíbrio não se desequilibra por estar com pessoas ou em ambientes desequilibrados – muito embora possa sentir a energia desagradável destes.

Olhando sob essa ótica, é possível perceber que, em certa medida, nós mesmos possuímos recursos interiores valiosos para promover bem-estar interior e equilíbrio. Modificar a média de meus hábitos de pensamento altera a energia que derramo em torno de mim incessantemente.

Nesse sentido, julgo que ambientes religiosos saudáveis, amizades verdadeiras e trabalhos com os quais nos identificamos e fazem sentido para nós são fontes de conexões positivas, cura espiritual e harmonização.

Posso exemplificar: estou em uma reunião do meu grupo religioso e, durante 1 hora, conversamos sobre amor, fé, caridade, autoconhecimento, perdão, bondade, amizade. Nessa reunião há fraternidade, acolhimento, comunhão. Nessas condições, é como se durante toda essa 1 hora os indivíduos presentes estivessem emitindo, naturalmente e sem perceber, pensamentos e energias com qualidades positivas que encharcam a si mesmos, aos outros e ao ambiente. É como uma permuta psíquica coletiva salutar.

Outros exemplos são a convivência com amizades verdadeiras e a atuação em trabalhos que gostamos. Nessas situações, estamos emitindo pensamentos de afeto, prazer, compromisso, honestidade e, naturalmente, nos encharcando deles e usufruindo dos seus efeitos.

CONCLUSÃO

Nossa mente carrega a incrível capacidade de emitir pensamentos e estes, por sua vez, são vida, pulsam, contaminam, conectam, envolvem, atravessam. Carregam energias e potenciais poderosíssimos, sendo atributo que todos os seres humanos possuem.

Iniciarmos e aprofundarmos o processo de autoconhecimento é a única maneira de domarmos essa usina que há em nós, passando a ser capazes de, consciente e lucidamente, utilizá-la em prol da paz, do amor, em nós mesmos e nos outros.

Nesse processo, é importante termos cuidado para não querermos virar santos da noite para o dia e, dessa forma, perdermos nossa humanidade, espontaneidade ou

identidade. O amadurecimento na direção do equilíbrio e da paz não prescinde do autoamor, da compaixão consigo mesmo e do tempo. Tudo na natureza é processo e precisamos respeitar nossos limites de cada momento, cientes de que não é possível cobrar da semente que dê frutos sem antes ter se transformado em árvore.

Quando Jesus recomendou que deixássemos brilhar nossa luz, parece tanto um reconhecimento implícito de que em nossas mentes há uma fonte inesgotável de energia e potencial, quanto um ensino de que, aprendendo a lidar com os pensamentos, podemos brilhar intensamente e, dessa forma, crescer, libertar-se, expandir-se, equilibrar-se, gerando nossa própria paz e derramando-a por onde passamos e com quem vivemos.

REFERÊNCIAS

KARDEC, Allan. A Gênese [tradução de Guillon Ribeiro da 5a ed. francesa]. 53. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013.
Ver capítulo XIV – Os Fluidos.
KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos: princípios da Doutrina Espírita [tradução de Guillon Ribeiro]. 92. ed. 2. Reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2012.
Ver capítulo XII – Da perfeição moral, item Conhecimento de si mesmo.

Livros, leituras, hábito[46]

O QUE É O LIVRO?

Livros são das produções mais antigas e presentes ao longo da história humana nos últimos dois milênios. Registrar por meio da escrita é hábito que atravessa espaços, tempo e inúmeras culturas. Livros consistem, resumidamente, na materialização de pensamentos, experiências e reflexões. Podem conter anos, décadas de pesquisas, estudos, debates, experiências, emoções, sentimentos e trabalhos acumulados por muitas pessoas.

Mesmo que o livro tenha sido escrito e assinado por um(a) autor(a), ele nunca é trabalho individual. Primeiro porque a confecção física do livro e seu processo editorial são trabalhos coletivos. Segundo porque, para que um(a) autor(a) chegue a escrever algo de relevante, muito(a)s outro(a)s livros e pessoas tiveram que ser lidos, escutados e, portanto, qualquer ideia minimamente mais complexa é sempre produto de interação, de construção gradual e coletiva.

A escrita contida num livro consegue preservar, através do tempo e dos espaços, pensamentos e conhecimentos, possibilitando sua manutenção e difusão. Livros têm uma capacidade ímpar de perenizar ideias.

---

[46] Este artigo é inédito. Também é importante que seja o último e único que não trata especificamente sobre o Espiritismo. Acredito que isso simboliza que o Espiritismo e a espiritualidade precisam desembocar na vida e não ficarem contidos em si mesmos.
Além disso, é um tributo pessoal meu a esse objeto que tanto contribuiu para eu aprender, amadurecer e expandir meu olhar e percepção.

Dessa forma, a leitura é a oportunidade de, indiretamente, conversar e interagir com pessoas e culturas de espaços e tempos muito diferentes do nosso, sendo inclusive um poderoso elemento de distinção entre o ser humano e outras espécies:

> A consciência de uma responsabilidade ética, a racionalidade, a fala articulada e, com a invenção da escrita, a possibilidade de acumular memória para além dos genes parecem estabelecer uma significativa diferença entre o homo sapiens e mesmo os seus primos mais próximos, primatas como chimpanzés, bonobos e gorilas. (SOUZA, 2019, p. 51)

É possível afirmar com segurança que "todo livro é um encontro entre quem o escreve e quem o lê." (BARROS; VIEIRA, 2020, p. 7). Livros são um testemunho e repositório do pensamento humano em toda a sua diversidade – para além de um alimento intelectual para o estímulo e desenvolvimento das potencialidades humanas.

POSSIBILIDADES DA LEITURA E NOSSA RELAÇÃO COM ELA

Gosto de dizer que ler é envelhecer sem envelhecer. É ficar experiente a partir das experiências dos outros. É vivenciar histórias que outro(a)s vivenciaram. Consumimos anos ou décadas em dias ou meses por meio do ato da leitura.

> Como escreveu o filósofo italiano Umberto

> Eco, em uma citação que Mora adora lembrar: "Quem não lê, aos 70 anos terá vivido apenas uma vida. Quem lê, terá vivido 5 mil anos. Ler é uma imortalidade retroativa. (PAIS, 2021, sem página)

Há leituras que são capazes de influir nas nossas ações e reações perante a vida, a sociedade, as pessoas e relações. Há literaturas e histórias que nos inspiram, comovem, mexem com lembranças, nos fazem refletir, nos trazem esperança. Tenho algumas leituras que impactaram de forma profunda minha forma de enxergar, sentir e agir. Posso mesmo afirmar, com certeza, que o hábito da leitura me tornou alguém mais sensível, menos egoísta, um pouco mais empático e consciente.

Ler, desde que com criticidade, equilíbrio e diversidade, pode expandir nossa percepção sobre nós mesmos, sobre a sociedade e sobre o mundo. Conforme nosso volume de leitura vai se ampliando e diversificando, é como se passássemos a enxergar mais longe, como se nossa visão ficasse mais nítida, como se as lentes pelas quais olhamos para a vida ficassem mais potentes. Além disso, escrever, falar e comunicar-se melhor é quase que uma consequência natural do hábito da convivência com os livros. Pessoas que falam com muita desenvoltura e escrevem com qualidade raramente não são leitoras assíduas e contumazes.

Se o hábito da leitura for também direcionado para as notícias e as questões contemporâneas (jornais, artigos, blogs, etc), com o tempo passamos a compreender o que acontece na sociedade e no mundo e também vamos

gradualmente nos tornando aptos a debater e opinar sobre os assuntos e pautas do momento.

Na medida em que a leitura nos conecta com pensamentos e pontos de vista diversos, ela pode nos auxiliar a despertar a empatia, a perceber que uma mesma questão pode ser encarada por múltiplos pontos de vista. É um exercício de descentramento, estimulando-nos a identificar que o mundo é extremamente heterogêneo e complexo. Essa percepção, por sua vez, é um indutor a uma postura menos arrogante, menos preconceituosa, mais humilde e moderada, pois na medida em que vamos nos dando conta da realidade, vamos percebendo que sempre temos muito a aprender e que não podemos nos fechar em nós mesmos, nos acreditando autossuficientes e detentores de todo o conhecimento e razão. Essa postura de humildade intelectual para com a vida é fundamental para permanecermos progredindo, crescendo, amadurecendo.

Entretanto, cabe apontar que para que a leitura tenha esse efeito de indução/estímulo a um amadurecimento intelectual e pessoal consistente, é imprescindível não se restringir a um círculo estreito de autore(a)s ou de gênero(s) literário(s) – o que pode nos limitar, ao invés de nos impulsionar. A humanidade é diversidade e nós próprios necessitamos da diversidade para nos desenvolvermos com mais força e amplitude. Sem diversidade não há ciência, filosofia, não há ambiente cultural saudável. O mesmo vale para o universo literário: passear por diferentes autore(a)s e estilos nos engrandece, nos estimula a ir além; perpassar pelos jornais, visitar os quadrinhos, experimentar romances, clássicos, provar o

religioso, o filosófico, a biografia ou uma literatura mais acadêmica. Além do mais, não preciso – e não devo – concordar com tudo o que leio, mas sim aproveitar o que parece aproveitável e criticar, reelaborar o que incomoda. Li e gostei? Bom. Li e não gostei? Bom também, pois estimulou a pensar e a fundamentar uma crítica. Colocar as ideias em movimento, por si só, já é produtivo, pois tudo o que fica parado por muito tempo estraga.

Junto à diversidade das leituras, julgo importante comparar a escolha do que iremos ler com a imagem de alguém que seleciona alimentos no mercado para comprar. Precisamos lidar com os livros como lidamos com os alimentos que ingerimos: com zelo, atenção, equilíbrio. Se identificamos que algo nos faz mal, paramos, partimos para outra coisa. Ler muito não é necessariamente ler bem, assim como comer em muita quantidade não necessariamente satisfaz nossas necessidades nutricionais. Ler rápido não é necessariamente ler bem, assim como comer rápido não é saudável para o organismo. A leitura precisa ser como o processo de alimentação: mastigada, sem pressa, saboreada, digerida com calma. A leitura é também uma forma de amor e cuidado consigo mesmo.

LEITURA NO SÉCULO XXI

Vivemos na era do audiovisual, da internet, da rapidez, da profusão de conteúdos, imagens e vídeos. Nunca foi tão fácil acessar informação, mas ao mesmo tempo nunca parece ter sido tão difícil fazer bom aproveitamento do que está à nossa disposição. Somos bombardeados o tempo todo por muita informação –

frequentemente de baixa qualidade e pouca profundidade. Para além disso, a estrutura das redes sociais pautada na lógica algorítmica efetua a construção de bolhas de conteúdos, onde passamos a ser submetidos a uma baixa diversidade de temas, tendendo a nos alienar de todo o resto de informações e assuntos.

As redes sociais hiper estimulam o visual e o auditivo. Nelas, os textos são cada vez mais curtos, o tempo de atenção cada vez mais rápido e o foco cada vez menor. A temporalidade da internet é de aceleração, de troca veloz, de pouco tempo de retenção em uma mesma ideia. Nesse sentido, o exercício da leitura de um texto escrito de maior tamanho em livros/revistas é o completo oposto: ocorre num tempo lento, desacelerado, focado, com pausas.

Quando assisto um audiovisual, vejo uma sequência ininterrupta de imagens e sons que se sucedem uns aos outros e que, em conjunto, contam uma história. Entretanto, não se costuma pausar um filme, série ou vídeo para pensar sobre o que se viu ou ouviu, não se faz uma reflexão durante – pois se o fazemos, perdemos várias cenas. Quando fazemos isso, é somente depois que este termina – se até lá ainda lembrarmos de todas as cenas e ainda estivermos dispostos a nos fixar em alguma(s). Já na leitura, estamos no controle total do ritmo e do fluxo de informação que absorvemos. É possível pausar a qualquer momento e permitir que o pensamento voe, descanse, pondere. É possível parar e simplesmente contemplar.

Num vídeo a imagem já vem pronta, enquanto num livro a criatividade é provocada a trabalhar, criando

ilustrações mentais do que está sendo narrado ou descrito. No audiovisual, a densidade de informação é imensa e ininterrupta, enquanto na leitura é possível apreciar cada pedacinho no seu próprio ritmo.

Não quero aqui condenar as novas tecnologias e formas de acessar e difundir conteúdos. Não é esse o objetivo. O que desejo é simplesmente recordar e apontar que, junto a tantas possibilidades, os livros, a leitura, a literatura jamais podem ser esquecidas ou marginalizadas. Na verdade, diria que elas precisam ser resgatadas. Certamente, utilizar menos as redes sociais/internet e ler mais nos faria bem enquanto sociedade e indivíduos. A antropóloga Débora Diniz oferece uma opinião importante sobre a relação entre o hábito da leitura e nossa sociedade atual:

> A leitura é um hábito fora de nosso tempo histórico: é solitário e pede solidão. Ela irá desafiá-la a ter prazer sozinha, em silêncio, afastada do convívio de outras pessoas ou da recompensa instantânea das redes sociais. Você sentirá que essa é uma experiência difícil de ser compartilhada com outras pessoas no instante da realização; você até deve participar de grupos de leitura para ativar a discussão e a reflexão, mas essa é uma experiência posterior à quietude da leitura solitária. (DINIZ, 2024, p. 111)

O HÁBITO DA LEITURA

O hábito é aquilo que faço de forma quase automática. É uma espécie de padrão dentro da rotina, que

quando não faço, logo percebo e sinto falta.

Por sua vez, hábitos não nascem conosco, mas são construídos ao longo de nossa vida, seja por influência do meio, pela conjuntura de uma fase da vida ou por iniciativa do próprio indivíduo. Importante mencionar que nem todo hábito é, necessariamente, construído somente por prazer. A atividade física é um exemplo: há corredores que no início de sua prática não tinham tanto estímulo interno ou prazer nela, mas que, ao longo do tempo, acabaram habituando-se de forma que passaram a sentir falta caso não consigam manter sua prática regularmente. O mesmo vale para a alimentação: há pessoas que precisam cortar o açúcar da dieta e rearranjar seu cardápio cotidiano. No início, pode ser até bastante incômodo, mas pode ocorrer de, após o corpo e o paladar se adaptarem à nova dieta, o indivíduo nem conseguir mais retornar à antiga.

Em relação aos livros, começar por algo que goste, simpatize e te faça bem é fundamental. Isso só não pode nos impedir de, ao longo do tempo, experimentar outros autore(a)s, estilos e segmentos. Outro quesito fundamental é sobre *onde* e *quando* lemos. Há locais que são desestimulantes e dificultadores da leitura, como espaços barulhentos ou desconfortáveis, assim como há momentos em que estamos muito cansados ou com sono. Assim como selecionamos lugar e momentos para comer e para dormir, é interessante também, na medida do possível, que o tenhamos para a leitura.

Em minha trajetória, meu principal local de leitura foi, durante muitos anos, enquanto ainda morava com

meus pais, a cama do meu quarto. E o principal momento era à noite, depois do jantar. Obviamente lia em filas, locais em que precisava esperar[47], intervalos na escola ou faculdade, mas o meu local e momento principal eram em meu quarto à noite. Claro que isso não precisa manter-se ao longo de toda vida e nem um mesmo *local/momento* será funcional para todo mundo. Nesse quesito, não há fórmula pronta e cada pessoa irá desenvolver sua própria maneira ao longo da vida.

O estímulo da família, dos pais, da escola, de bibliotecas ou de políticas públicas é também fundamental. Ter livros em alguma estante de sua casa, ver familiares lendo e conversando sobre isso, ter alguma biblioteca próxima a sua casa são fatores que, inconscientemente, convidam à prática da leitura.

Um último elemento é a forma como nos relacionamos com o livro. Para mim, eles são como os móveis da casa: cada um é importante e é elemento tanto da decoração como do funcionamento da casa. Além disso, costumo anotar bastante enquanto leio, sublinhar trechos, grifar, fazer observações conectando o trecho que estou lendo com outros livros que tratam assunto ou questão semelhante. Quando leio, efetuo praticamente um diálogo com o(a) autor(a), formulando argumentos em algum canto da página quando discordo, apontando o que acreditei serem lacunas, fazendo observações, elogiando,

---

[47] Durante a faculdade, li muito enquanto me deslocava no transporte público. Entretanto, desaconselho isso pois a leitura durante a viagem em ônibus, trem ou outros pode apresentar riscos à visão, na medida em que há grande trepidação e os olhos precisam fazer muita força para manter o foco e efetuar a leitura.

etc.

LIVROS, LEITURA, ESTADO E POLÍTICA

Um país em que seus cidadãos possuam estímulo, acesso e hábito da leitura plural e crítica seria certamente um lugar mais rico culturalmente, socialmente, politicamente e economicamente.

População mais e melhor instruída significa coletividade consciente dos problemas que existem, do que os causa e como combatê-los. Povo instruído é povo que atua pela democratização do poder e das instituições, pela transparência, pelo combate a qualquer tipo de privilégio, pela prevalência do interesse público sobre o pessoal.

> Em meio aos embates da Revolução Francesa, Condorcet dirá: "A função da educação pública é criar um povo insubmisso e difícil de governar". A frase demonstra que a educação pública é peça fundamental em todo projeto de emancipação social, (SAFATLE, 2020, sem página)

Coletividade culta e crítica é difícil de governar, pois não permite abuso, iniquidade, injustiça, má fé, mentira. Por isso, talvez, uma educação pública robusta e de alta qualidade nunca seja uma prioridade por parte daqueles que detêm poder político e econômico, já que uma sociedade efetivamente instruída não permitiria o estado de coisas do mundo atual – em que uma menor parte acumula muitos recursos e privilégios ao explorar e abusar de uma maior parte. Num contraponto, "a

ignorância fortalece regimes autoritários e enfraquece a democracia.” (GABRIEL, 2025, sem página)

Povo com pensamento crítico e autonomia intelectual é questionador, cobra quando vê algo injusto, atua ativamente na sociedade e não se deixa apassivar. Entretanto, construir esse estado de coisas não é rápido e nem simples. O caminho para atingir esse cenário passa pela formação individual, organização coletiva, ação política e a instituição (e manutenção) de diversas políticas públicas.

Bibliotecas públicas precisam estar presentes em todo o território. Necessitam ser lugares estruturados, bonitos, confortáveis, agradáveis, pulsantes de projetos e eventos, de forma que sejam buscados pela infância, juventude, adultos e idosos. Devem se tornar polo de encontros, acolhimento e ação. Têm que oferecer acesso aos mais diversos tipos de leituras e materiais.

O Estado precisa tratar os livros como trata os alimentos: efetuar estímulos para produção, barateamento, fortalecimento do setor e valorização daqueles que trabalham no meio.

Nada poderia ser mais atraente do que uma escola pública: espaço de segurança, cuidado, leveza, desenvolvimento de potenciais, autodescoberta, amadurecimento, diversão, debate. Sem investimento financeiro, simbólico, pedagógico[48] e social pesado e contínuo não é possível tornar esse ambiente realidade.

---

[48] Escolas precisam de projetos político-pedagógicos que tomem como meta o fortalecimento dos direitos humanos, da democracia, da solidariedade e da justiça social.

Sem docentes especialmente valorizados isso tudo é utopia distante. E sem escolas e docentes valorizados, o hábito massivo da leitura fica muito distante.

Leitura deveria ser algo mostrado e trabalhado pelas mais diversas mídias, nas novelas e séries, nos programas televisivos. O ato da leitura deveria ser incorporado na dimensão cultural, simbólica e material da sociedade. Crianças e jovens precisam achar o ato de ler bonito, admirável, motivo de status. Precisam estar cientes de que grandes figuras da humanidade, cujas biografias sobreviveram e superaram o tempo, só se tornaram destacados para tal porque, em sua maioria, aprenderam boa parte do que sabiam por meio da leitura.

Entretanto, no Brasil e na maior parte do mundo, infelizmente, o hábito da leitura é, muito frequentemente, um privilégio de classe social. A maioria da humanidade não recebe estímulos adequados ao hábito da leitura, não recebe remuneração suficiente para adquirir livros, não tem tempo, energia ou ambiente para ler (pois são super explorados em trabalhos precários e rotinas desumanas). Paradoxalmente, a humanidade ainda é privada de acessar o que de melhor ela mesmo produziu ao longo da história.

CONCLUSÃO

Ler é um ato revolucionário. Primeiro porque é uma ação que permite iniciar todo um processo de libertação que primeiro é individual, mas que, posteriormente, pode se tornar social. Segundo porque os poderosos que mantêm o sistema e o *status quo* da sociedade não desejam que o povo se instrua, pois isso

significaria, cedo ou tarde, uma mudança na ordem das coisas. Terceiro porque na era da internet, da velocidade, da aparência e do superficial, ler é ir na contracorrente, seguir na contramão. Quarto porque somente enxergando mais e melhor a realidade será possível modificá-la, entretanto conhecê-la melhor sem a leitura é improvável.

Livros e a leitura precisam começar a ser percebidos como companhia para uma imensidade de momentos e situações, podendo ser estudo, mas também lazer e amadurecimento. São como um alicerce pessoal que possibilitam a construção e crescimento de nós mesmos.

Ler é um caminho imprescindível para uma humanidade mais humana, livre, aberta e justa.

REFERÊNCIAS

BARROS, Marcelo.; VIEIRA, Henrique. O monge e o pastor: diálogos para um mundo melhor. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.

PAIS, Ana. Por que este texto pode mudar seu cérebro – as descobertas da neurociência sobre a leitura. BBC NEWS BRASIL. Novembro de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59129496> Acesso em 23 abr 2025.

DINIZ, Débora. Carta de uma orientadora: sobre pesquisa e escrita acadêmica. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

GABRIEL, Ruan de Sousa. Peter Burke: ‘a ignorância dos poderosos é perigosa’. OGlobo, maio de 2025. Disponível em: < https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2025/05/10/peter-burke-a-ignorancia-dos-poderosos-e-perigosa.ghtml> Acesso em 18 mai 2025.

SAFATLE, Vladimir. O único anteparo real contra a barbárie. BLOG DA BOITEMPO. Julho de 2020. Disponível em: < https://blogdaboitempo.com.br/2020/07/08/safatle-o-unico-anteparo-real-contra-a-barbarie/> Acesso em 2 mai 2025.

SOUZA, Marcelo Lopes. Ambientes e territórios: uma introdução à

ecologia política. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

AGRADECIMENTOS

Que sou eu senão um produto da soma de muitos afetos, corações e mentes que dispenderam tempo e amor para cuidar de mim, ensinar, proteger.

Sendo assim, toda obra é fruto direto e indireto de muitas mãos. No meu caso, os pais, os avós, a esposa, filha, amigos, professores, profissionais da saúde e tantos indivíduos e instituições que atravessam nossas vidas e são fundamentais para que estejamos vivos, saudáveis e produtivos.

Uma menção especial preciso fazer a Renata Strino, minha esposa, mente criativa, muito inteligente e talentosa para tudo o que tem relação com a escrita e a literatura. Convivência e conversas com ela me ensinam muito sobre livros e vida. Para além disso, ela foi a revisora desta obra.

Gratidão ao companheiro Salomão Benchaya – que tanto já trabalhou e trabalha pelo Espiritismo – pela generosidade e afeto no acolhimento, leitura e prefácio da obra. Fiquei muito contente pela sua participação.

Em última instância, a gratidão a Deus pelas oportunidades.

OBSERVAÇÕES

Na modalidade impressa e em PDF, o livro tem preço de custo, com o autor abrindo mão de qualquer lucro.

Na versão para Kindle, o livro tem o menor preço possível liberado pela Amazon. Qualquer lucro será redirecionado para algum tipo de caridade.

Isso foi feito com o objetivo de torná-lo o máximo possível acessível a qualquer pessoa que se interesse por sua leitura.

Se gostou do conteúdo da obra, compartilhe-a com quem você acredita que ela possa vir a ser útil.

SOBRE ACESSO AO LIVRO

Obtenha o livro físico e PDF pelo site da Perse Editora.

Obtenha o livro para Kindle através do site da Amazon.

Ouça a versão em audiobook em meu canal do Youtube

Se quiser obtê-lo gratuitamente, envie e-mail para o autor, solicitando.

CONTATO DO AUTOR

brunolquinta@gmail.com

ACESSE MEU CANAL NO YOUTUBE E SPOTIFY

Espiritualidade e Espiritismo no século XXI

https://www.youtube.com/@brunoquintanilha473

https://open.spotify.com/show/0XlylFQJHGgpFSEloHxPuQ?si=aBW-PjTJQuG0LggiofqEvg

---

LINK PARA OUTROS CONTEÚDOS AUTORAIS

https://linktr.ee/brunoquintanilha

NÃO HÁ VIDA APÓS A MORTE, HÁ VIDA APÓS A VIDA.
A MORTE É APENAS UM BREVE MOMENTO DE TRANSIÇÃO.

Espiritismo é vida e é da vida porque busca entender aquilo que sobrevive em nós mesmos após a morte do corpo físico.

Mundo espiritual, comunicação entre mortos e vivos, reencarnação, evolução, Deus, justiça, aprendizado, amor, felicidade, paz. Tudo isso é inextricavelmente conectado e presente na vida.

O Espiritismo é uma lente que nos permite olhar para a realidade, enxergar e compreender uma série de fenômenos. Ele não busca inventar, mas explicar eventos e ocorrências fartamente relatados e documentados ao longo da história humana.

Sob essa perspectiva, ele pode e deve conversar com a sociedade, as questões contemporâneas, os desafios e problemas desse mundo – além de criticar a si mesmo e buscar sempre atualizar-se. E conversar é ação que atua em diferentes direções: falar, mas também ouvir, refletir, buscar aprender e não ter medo do diferente ou da diversidade.

Penso que seu objetivo não deve ser alcançar hegemonia, converter, aumentar quantidade, mas servir como um instrumento para despertar/cultivar/lidar com sua espiritualidade e, por consequência, ter uma vida mais plena, consciente, autônoma, feliz.

Este livro, por meio de diversos artigos que tratam de temas variados, busca apresentar esse emaranhamento indissociável que há entre Espiritismo, espiritualidade e vida. Que ele possa apresentar um Espiritismo que seja leveza, acolhimento, consolo, mas também reflexão, criticidade, dialogicidade, humanidade.

ISBN: 978-65-01-76733-8
9 786501 767338